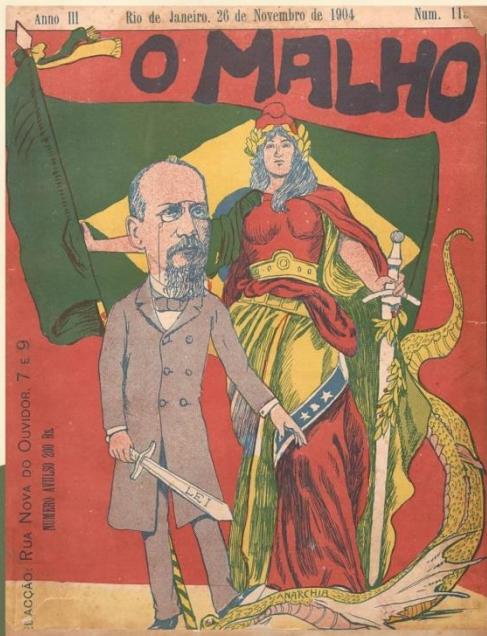


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A alegoria da dama republicana em revistas ilustradas cariocas: dois estudos históricos



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

Fundada em 1846

A alegoria da dama republicana em revistas ilustradas cariocas: dois estudos históricos



BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Francisco das Neves Alves

**A alegoria da dama
republicana em
revistas ilustradas
cariocas: dois estudos
históricos**



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

Rio Grande
2025

Ficha Técnica

- Título: A alegoria da dama republicana em revistas ilustradas cariocas: dois estudos históricos
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Biblioteca Rio-Grandense
- Rio Grande
- 2025

ISBN: 978-65-89557-89-0

CAPA: O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1904.; CARETA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

A perspectiva de representar a forma de governo republicana por uma dama de barrete frígido acompanhou o pensamento antimonárquico desde a época da aspiração, passando pela instauração e depois da afirmação do novo regime. Tal representação da mulher-república tivera a sua gênese no processo revolucionário francês da virada do século XVIII para o XIX e dos vários focos de revolta que se seguiram na França ao longo dos Oitocentos, de modo que em tais frentes revolucionárias francesas, a alegoria viria a se consolidar. Como símbolo de luta e protesto, significava não só república, mas também e mais frequentemente, liberdade, mormente entre grupos mais progressistas que se consideravam como liberais, revolucionários, patriotas ou republicanos, uma vez que, naqueles tempos longínquos, tais valores foram, se não equivalentes, pelo menos próximos e muitas vezes unidos, como nos casos das batalhas travadas de 1800 a 1848. Com o passar do tempo e as alternâncias de regime, a república revolucionária, a mais autêntica do ponto de vista progressista, mas a mais subversiva do ponto de vista conservador, por ser representada em

movimento, ardente, juvenil, seminua, passava a dar lugar à república oficial, sábia e conservadora, legal e legalista, utilizando, ao contrário, traje e postura solene, com ar sério, mais matrona do que amazona, sendo deixado de lado até mesmo o barrete frígio. No início dos anos 1870, com a Comuna de Paris, a república renascia definitivamente, com a sua panóplia de emblema, estabelecendo-se uma enxurrada de barretes frígios, enquanto os mais moderados, futuros mestres da Terceira República, coroavam os bustos com louros. E, já ao final do século XIX, a figura da mulher-república permanecia com algumas variações em suas representações notadamente quanto ao penteado e ao uso do barrete, da coroa ou do diadema, vindo a adquirir certa sobriedade nas feições e na indumentária¹.

Nesse quadro, um dos pontos marcantes do imaginário republicano francês foi o uso da alegoria feminina para representar a república, uma vez que a monarquia fora simbolizada naturalmente pela figura do rei, que, eventualmente, designava a própria nação. Uma vez derrubada a forma monárquica e decapitado o rei, novos símbolos

¹ AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne – les visages de la République*. Paris: Gallimard, 1992. p. 24-25, 31, 35 e 46-47.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

faziam-se necessários para preencher o vazio, para designar as novas ideias e ideais, como a revolução, a liberdade, a república e a própria pátria. Dentre os tantos símbolos e alegorias, em geral inspirados na tradição clássica, ganhou relevo o da figura feminina, de maneira que, da Primeira à Terceira República, a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representando seja a liberdade, seja a revolução, seja a república. Os republicanos brasileiros de orientação francesa tinham assim grande riqueza de imagens e símbolos em que se inspirar, ainda que enfrentassem certas dificuldades, como no caso de ínfima participação feminina no processo de instauração da república. Assim, o esforço inicial foi feito pelos caricaturistas da imprensa periódica, a grande maioria simpática aos ideais republicanos. Mesmo antes da proclamação, apareceram representações femininas, normalmente vestida à romana, descalça ou de sandálias, barrete frígio e geralmente com a nova bandeira em uma das mãos².

² CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 75 e 78-80.

Dessa maneira, a força do modelo estético feminino percorreu todo o século XIX³, época em que elementos constitutivos das sociedades e conceitos abstratos foram representados por meio de personificação estabelecida a partir de figuras usualmente femininas⁴. A interpretação de uma imagem pode ultrapassar a ela mesma, com o desencadear de palavras, de uma ideia ou de um discurso interior, partindo da imagem que é o seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada. Nesse caso se encontram as imagens simbólicas e convencionais, que procuram exprimir noções abstratas, as quais recorrem ao símbolo e, consequentemente, à boa vontade interpretativa do leitor⁵. No campo simbólico, a figura feminina conserva implicações diversificadas, trazendo consigo as conotações correspondentes a cada uma de suas formas essenciais, em todas as alegorias baseadas na personificação⁶. Em tal sentido, a mulher-símbolo carrega em si a aspiração e a

³ COSTA, Cristina. *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: SENAC, 2002. p. 106.

⁴ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017. p. 96.

⁵ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 123-124.

⁶ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 391.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

transcendência, nas quais se manifestam o vestígio mais experimental do domínio dos indivíduos por uma corrente vital extremamente vasta, bem como uma energia eminentemente apta a aperfeiçoar-se e enriquecer-se de mil matizes, reportando-se, em pensamento, para múltiplos objetos. Assim, o feminino simboliza a face atraente e unitiva dos seres⁷.

Na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro⁸, a mulher-república foi uma representação bastante recorrente. De um lado esteve a imagem idealizada da dama republicana, como a mulher vestida à romana, ou mesmo adquirindo um ar de divindade, uma verdadeira deusa-republicana, chegando a ser apresentada como uma figura alada, permanecendo na maioria das vezes a presença do barrete frígio. Em alguns

⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 421.

⁸ Sobre tal gênero jornalístico, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

casos, entretanto, os atos autoritários, os desmandos, a corrupção, o clientelismo e o continuísmo político-partidário situacionista, entre outros fatores, que levaram ao desgaste de governos e governantes, viriam a promover certas alterações das imagens da república-mulher. Dessa maneira, a república quando não era representada pela abstração, clássica ou romântica, era apresentada na versão da mulher corrompida, tornando-se uma *res publica*, no sentido em que a prostituta era uma mulher pública. Nesse sentido, a alegoria feminina falhava dos dois lados, ou seja, no significado, no qual a república se mostrava longe dos sonhos de seus idealizadores, e também no significante, no qual inexistia a mulher cívica, tanto na realidade como em sua representação artística. Desse modo, a única maneira em que fazia sentido utilizar tal alegoria era aproximar uma república considerada falsificada com a uma figura feminil corrompida ou pervertida⁹.

Tais periódicos, ainda que tivessem uma pauta predominantemente calcada no humor, na ironia e na crítica, suas seivas editoriais não deixavam de também desenvolver uma prática jocoséria, uma vez que a execução do humor pode ser

⁹ CARVALHO, p. 89 e 96.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

divertida e séria ao mesmo tempo, reproduzindo assim uma qualidade vital da condição humana, pois o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas, vindo a oferecer um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura¹⁰. Nesse quadro, o humor age a partir de um processo de resolução de conflitos, constituindo um processo e trazendo consigo o resultado de uma batalha entre os sentimentos e os pensamentos, a qual só pode ser compreendida ao se reconhecer o que causou o conflito, ou seja, o humor às vezes é a única forma de lidar com o turbilhão da vida¹¹. Nas páginas dos jornais ilustrados e humorísticos do Rio de Janeiro, as divergências quanto aos caminhos e descaminhos em direção aquilo que cada grupo em disputa considerou como uma “verdadeira república” apareceram de modo indelével. Tal gênero jornalístico serviria como mecanismo de divulgação e propagação dos mais variados ideais quanto aos modelos a serem empregados na afirmação da

¹⁰ DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & RODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

¹¹ SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 9.

forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889, em um constante processo de construção/desconstrução discursiva e de representações iconográficas entre aliados e adversários no que tange às diversas ideias então em voga¹².

¹² ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. In: *Comunicação & política*, v. 9, n. 3, set. – dez. 2002, p. 228. Contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves Alves. *A imagem feminina como designação da República na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro no último quartel do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2023. p. 6-10.

SUMÁRIO

A alegoria feminina republicana nos primórdios da revista *O Malho* / 17

A revista *Careta* e a dama republicana nos estertores da República Velha / 89

A ALEGORIA FEMININA REPUBLICANA NOS PRIMÓRDIOS DA REVISTA *O MALHO*

Um desses periódicos foi *O Malho*, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1954¹³, e que constituiu uma das mais importantes revistas ilustradas impressas no Brasil, trazendo uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentando significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. O instrumento que dá título à publicação equivale a um martelo de grandes dimensões utilizado pelo ferreiro, devendo ser manejado com ambas as mãos, ao passo que a bigorna consiste em um objeto de ferro no qual são malhados e amoldados metais. A denominação do periódico também vinha ao encontro da expressão “malhar” que, além de bater com malho, significa também, informalmente,

¹³ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação.

Simbolicamente, o malho ou o martelo constituem um “instrumento próprio do ferreiro e dotado de um místico poder de criação”¹⁴, e sua figura traz consigo uma relação com a “atividade celeste” e a “fabricação do raio”. Nesse sentido, “o martelo representa a atividade formadora ou demiúrgica”, podendo também constituir “o método, a vontade espiritual acionando a faculdade de conhecer, que recorta em ideias e conceitos e estimula o conhecimento distintivo”. O malho pode também ser “o símbolo da inteligência que age e persevera”, a qual “dirige o pensamento e anima a meditação daquele que, no silêncio de sua consciência, procura a verdade”¹⁵. A imagem normalmente associada ao malho, inclusive nas gravuras da revista ilustrada carioca, a da bigorna, apresenta em si o “símbolo da terra e da matéria”, correspondendo “ao princípio passivo e feminino, por contraposição ao martelo, de caráter

¹⁴ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 374.

¹⁵ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 577-578.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

fecundador”¹⁶. Assim, “a bigorna aparenta-se à feminidade” e à passividade, da “qual sairão as obras do ferreiro, princípio masculino”, revelando-se “como um princípio passivo a ser fecundado, em que “o ferreiro, tal como o raio, seria o princípio ativo e fecundante”¹⁷.

A circulação de *O Malho* iniciou a 20 de setembro de 1902, e, fundado por Luís Bartolomeu, trazia um conteúdo humorístico que se tornou também político, a partir de 1904. A revista contou com a colaboração de nomes como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Menezes e Bastos Tigres. No que tange ao desenho, atuaram na sua edição iconográfica Raul, Calixto, J. Carlos, Crispim do Amaral, J. Ramos Lobão, Leônidas Freire, Gil, Alfredo Storni, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Seth, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, Luís Peixoto, Nassara, Théo, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres Guevara, ou seja, “ao longo de toda a sua existência”, contou “com os maiores caricaturistas da época”. A folha envolveu-se em várias questões políticas, como no caso da Campanha Civilista, combatendo a candidatura de Rui Barbosa. A direção do periódico, desde 1918, coube a Álvaro Moreyra e J.

¹⁶ CIRLOT, 1984. p. 118.

¹⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991. p. 132.

Carlos e, durante a República Velha, “*O Malho* foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica”¹⁸.

Como folha ilustrada, *O Malho* fez parte do conjunto de revistas que “entretinham com informações leves e, sobretudo, apuro gráfico”. Em tais periódicos, “os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que o texto”¹⁹. A afirmação da revista ilustrada carioca deu-se em uma conjuntura marcada pelo “crescimento e diversificação do mercado editorial”, que se “assentaram no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor”²⁰. Nessa época, “os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se auto-referenciam”, em um quadro pelo qual, “passam a

¹⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

¹⁹ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 91.

²⁰ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

ser cada vez mais ícones de modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo”²¹.

A partir da instauração da forma de governo republicana, a “representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões” e, além disso, houve um “significativo incremento da imprensa, mediante o aperfeiçoamento tecnológico das oficinas gráficas”, o qual “praticamente acompanha a intensificação do crescimento urbano do país”. Assim, “a tradição da representação humorística ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas”²². Nesse contexto, *O Malho* “vingou e prosperou” e, “para isso, teve de fazer-se profundamente popular”, aproximando seu norte editorial de segmentos sociais vinculados ao mundo do trabalho e aproximando-se de sociedades artísticas e recreativas, lançando mão do recurso da fotografia, além da própria caricatura²³. Tal “feição

²¹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22.

²² SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

²³ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 20-21.

popular, pela qual se tornaria imensamente difundido em todo o Brasil, já se firmara desde 1905”, levando “o homem da rua” a gozar do “espetáculo daqueles figurões proclamando alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional”²⁴.

Ao refletir caricaturalmente a vida na capital federal, *O Malho* trazia uma perspectiva do Brasil como um todo, de modo que a “transgressão mantida pelo humor visual” mostrava um Rio de Janeiro que, “como outros núcleos administrativos, comerciais e industriais, possuía um dinamismo demográfico singular”, ao assumir “o papel de ‘cartão postal’ do país” e “apresentando-se como maior exemplo da modernidade nacional, síntese do país em dia com o mundo”, ou seja, “apresentável para estrangeiros e digno objeto para a contemplação (e submissão) de seus habitantes”²⁵. Como caixa de ressonância do Brasil, o Rio de Janeiro, por meio de suas revistas ilustradas e humorísticas, mostrava que se a República fora “o paradigma da modernidade para os opositores da Monarquia” e os anos iniciais da nova forma de

²⁴ LIMA, 1963. v. 1, p. 146.

²⁵ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

governo traziam consigo “o paraíso e o inferno desta utopia”, notadamente com a continuidade “do poder político de caráter oligárquico controlado por latifundiários”²⁶.

Nessa conjuntura, no século XX, *O Malho* foi, “politicamente, de uma importância comparável à da *Revista Ilustrada*”, mais importante publicação de seu gênero na centúria anterior, de modo que, já “a partir de 1904, constituiu a maior força política de combate, mercê de suas famosas charges assinadas por todos os grandes nomes da caricatura nacional”. Nesse sentido, nada poupava “aos adversários, como no caso da Campanha Civilista, combatendo Rui Barbosa, e na Revolução de 1930, ridicularizando os candidatos da Aliança Liberal”. Desde 1918, adquiriu “feição mais literária e mundana, embora sem perder nada do antigo interesse político, pela continuação das sátiras”, ao manter “o velho tom polêmico”. Suas “críticas tiveram uma tremenda repercussão em todo país” e “*O Malho* teria uma parte muito importante na política, nos pródromos da Revolução de 1930, não porque se batesse por ela, mas, justamente ao contrário, porque defendia o governo Washington

²⁶ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 31.

Luís". Nessa época, suas "sátiras terríveis" ridicularizavam as principais lideranças da Aliança Liberal, muitas das quais se transformariam em comandantes do movimento revolucionário vitorioso. Tal postura custaria caro à empresa jornalística, pois esteve entre os vários empreendimentos jornalísticos que foram empastelados e incendiados, vindo a sua circulação a ficar interrompida, desde os meses finais de 1930 até os iniciais do ano seguinte. Após retomar as suas edições, tendo em vista a situação política nacional, desde os anos 1930 "ao fim do Estado Novo tornou-se quase que exclusivamente literário e de atualidade, para no final de sua existência enveredar novamente pela política"²⁷.

A primeira capa de *O Malho* destacava os fulcros editoriais da publicação, anunciada como "semanário humorístico, artístico e literário", propondo-se também a tratar de política e assuntos diversos. De aevental, o responsável pela folha tinha a postos a pena e o crayon, designando respectivamente as ações dos escritores e dos caricaturistas, além de trazer à mão o martelo, apoiado em uma bigorna, em alusão ao título da revista. Em sua apresentação, a revista dizia ser

²⁷ LIMA, 1963. v. 1, p. 144-149.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

“praxe que um jornal” trouxessem o seu programa, no qual desfiava “boquiaberto um rosário de promessas”, mas, em oposição e como um “iconoclasta de nascença”, pretendendo “atacar e destruir a praxe”, afirmava que não iria expressar seu conteúdo programático. Nesse sentido, conforme “o seu nome bem o indica”, se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, destacando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Pretendia ainda contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalhar” de “sons alegres” nas bigornas²⁸. Ao completar seu primeiro aniversário, a redação do periódico declarava que se tratava de uma “existência decorrida por entre estes de verdadeira alegria, na serenidade que dá o bom humor e que a boa alma faz”. Dizia também que, em suas “páginas despretensiosas e ligeiras”, seria encontrada “entre o riso e a sátira, entre a ironia e a gargalhada, toda a vida de um ano do Rio de Janeiro, vista nos seus diferentes e variados aspectos - político, artístico, social, literário,

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

científico”, toda ela “encarada sob o prisma do bom humor” e “apreciada à luz da mais serena imparcialidade”. Garantia que suas edições guardavam “a verdade” como o “culto mais rigoroso” e defendiam “a causa dos pequenos e dos oprimidos contra os mandões e os opressores”, bem como davam “guarda aos talentos que desabrocham”, propondo-se a rever “com íntima satisfação o caminho percorrido” e “com serena confiança o trecho por galgar”²⁹.

Por ocasião de chegar ao seu terceiro ano, o periódico mostrava na capa a figura que escolhera para representá-lo, uma espécie de bobo da corte, com o malho embaixo do braço e o crayon a tiracolo, sendo homenageado pelo próprio Presidente da República, de quem recebia um buquê de flores. O bobo da corte constituiu uma tradicional representação do caricaturista, uma vez que tal figura é aquela que “diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as terríveis”³⁰. A autoridade presidencial, ao homenagear a publicação, pedia que a mesma não risse muito do seu governo, ao que o “Malho” agradecia, mas não garantia evitar o tom jocoso. A gravura era adornada por estrelas, as quais eram identificadas

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1903.

³⁰ CIRLOT, 1984. p. 120.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

com os fulcros editoriais da folha, como arte, atualidade, espírito e pilhérias. O mesmo personagem aparecia também à página inicial, portando o martelo, o crayon e a pena, contando com a admiração do público e agradecendo as manifestações elogiosas “e... descomposturas”, além de afirmar que “a vida é luta e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas - tudo é viver!”³¹.

Na crônica que marcava o terceiro aniversário, *O Malho* ressaltava que, ao aparecer, recebera “prognósticos pessimistas”, pois “seria uma loucura tentar obter que uma população de tristes sustentasse um jornal alegre”, ou seja, teria constituído “uma tentativa previamente condenada a de querer implantar num meio retraído, fechado, convencional, um jornal indiscreto” e “graciosamente irreverente”. Apesar de tal pessimismo, como uma “conquista do público”, a redação explicava que “o *Malho* é hoje o jornal de sua predileção, o jornal popular por excelência, o que ele mais quer, mais estima e mais procura”. Nesse sentido, discordava que o brasileiro fosse um “povo fúnebre e desolado”, e isto sim, sabia “ser alegre”, carregando como “nota característica de

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

seu espírito a ironia”, preferindo, ao invés da “gargalhada, o sorriso franco, irônico, amargo, sarcástico”. Considerava ainda que “a crítica leve, rápida, mordaz e alegre, o exagero dos sentimentos, das atividades, dos pensamentos e das palavras”, os quais valeriam “pela caricatura, o comentário simples, singelo, artificialmente inocente” é que dariam origem às “páginas que naturalmente agradam ao povo brasileiro”³².

Mantendo a linha de pensamento, a folha argumentava que era do agrado dos brasileiros “a independência das opiniões, a liberdade da crítica, a manifestação continuada e sincera de que não se está de joelhos”, de modo que teriam sido tais características que deram “ao *Malho* a simpatia do público”. Comentava que “o jornal e o público ligaram-se, confabularam intimamente, trocaram ideias, fundiram-se em sentimento”, uma vez que este encontrou nas páginas do periódico “o que pensa, o que sente, o que quer, o que aspira, o que aplaude e o que condena”. Afiançava também que “nenhum outro jornal penetrou como ele na vida íntima do povo”, ao divulgar as mais amplas manifestações e trazer “a impressão nítida do que é o Brasil desta época”, e “não só a capital, mas todos

³² O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

os Estados” estando representados em seus segmentos textuais e iconográficos. Para além do local e do nacional, destacava que sua cobertura chegava ao nível internacional, uma vez que transpusera “os limites da capital” e “a linha dos Estados”, para tornar-se uma “revista universal e original”, que não se limitava a transcrever informações, mas sim analisá-las³³.

No momento em que completava “mais um ano”, a capa do periódico trazia o personagem que o representava sendo homenageado pelo povo, ao receber um buquê, no qual as flores eram substituídas pelas faces dos homens públicos que ocupavam o governo. O público que participava da homenagem carregava cartazes apresentando as temáticas que compunham a pauta editorial da folha, como modas, esportes, fotografias, charadas, reclames, caricaturas, teatro, músicas e crônicas. Na crônica editorial deste número, a redação saudava a ampla circulação do jornal que ocorreria “por todo o Brasil e até pelo estrangeiro”, trazendo em suas páginas “um esforço contínuo para traduzir as impressões do povo”, uma vez que “*O Malho* não tem partido, a não ser o da voz pública”,

³³ *O MALHO*. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

aplaudindo “a virtude” e castigando “o vício”³⁴. Nos três primeiros anos em que circulou *O Malho*, de 1902 a 1905³⁵, a representação feminina da forma de republicana de governo foi uma personificação bastante recorrente, variando desde a alegoria idealizada, com a tradicional dama do barrete frígio, até mulher degradada, a partir do olhar crítico para com o modelo pelo qual o regime se consolidou.

A república idealizada, como exemplo cívico, sintetizada na imagem da dama republicana, esteve dentre as representações apresentadas por *O Malho*. Foi o caso da homenagem à memória do falecido almirante Eduardo Wandenkolk, militar da Armada, senador e ministro de Estado, aparecendo a efígie do personagem cercado de uma coroa de louros, em relação aos seus propalados feitos, além de outras depositadas ao chão, que teriam sido encaminhadas pelo povo, pela imprensa, pela Armada e pelo Exército, ao passo que a dama republicana, com o véu negro do luto, cobrindo-a

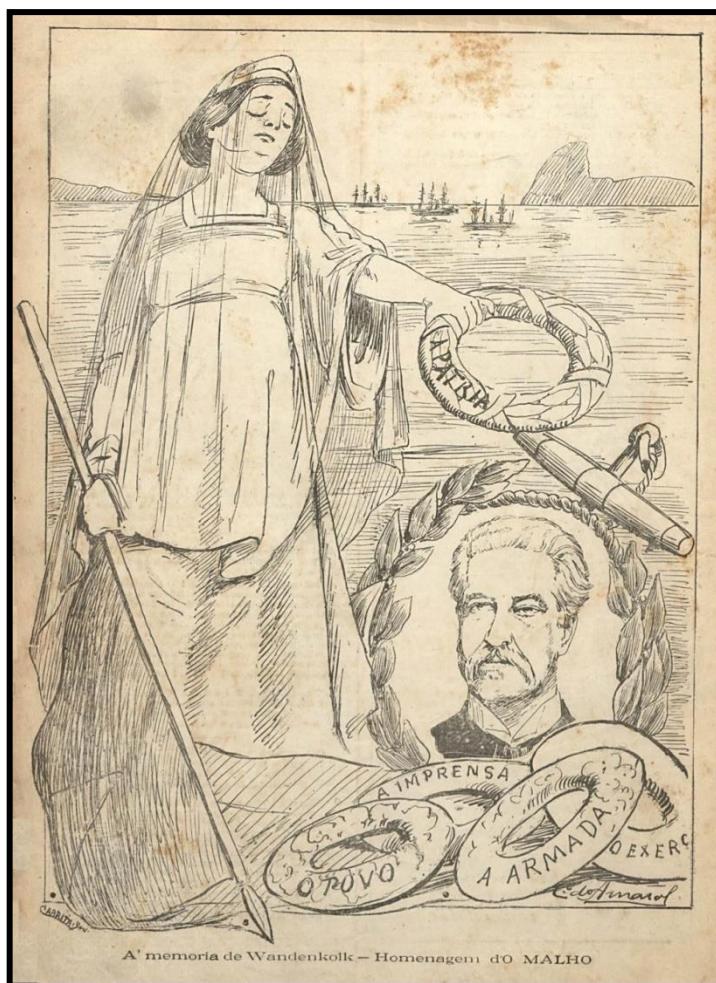
³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 set. 1905.

³⁵ Brevíssimo histórico realizado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A data natalícia de Getúlio Vargas como episódio cívico estado-novista: a presença na Revista O Malho (1940-1945)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 10-23.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

inteiramente, inclusive o barrete frígido, tinha o pavilhão nacional decaído à mão direita, ao passo que, na outra, depositava mais uma coroa, em nome da pátria, enquanto, ao fundo da gravura, surgiam belonaves com quais a personalidade homenageada convivera. Além dos trajes convencionais, a alegoria feminil trazia em suas feições uma profunda tristeza, em alusão ao momento em destaque³⁶.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 out. 1902.



A figura alegórica feminina apareceu também na capa da revista ilustrada, com sua indumentária completa, sendo representada altiva e levando à bandeira brasileira, como símbolo da

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

nacionalidade, e carregando uma espada que atingia o dragão da “anarquia”, em referência aos focos rebeldes que estouravam no país, enquanto o Presidente da República também lançava mão de uma espada, identificada com a lei, no sentido das medidas governamentais contra os atos de rebeldia³⁷. O político paulista, Antônio da Silva Prado, responsável pelo poder executivo municipal da capital de São Paulo, além de fazendeiro e empresário, recebeu homenagem na capa de *O Malho*, sendo aclamado pela população e saudado pela dama republicana por “fazer sempre” o “governo do povo pelo povo”³⁸. Em uma tradicional seção editada pelo periódico, voltada a divulgar composições musicais também ocorreu a imagem da idealização feminina da república, que servia para ornamentar a apresentação da polca denominada “Republicana”³⁹. A identificação da alegoria feminil republicana em relação aos consumidores da revista ilustrada e satírico-humorística foi tão significativa que ela chegou a ser utilizada em peças publicitárias editadas em suas páginas. Uma dessas propagandas era da Loja do Povo, que anunciava um “colossal sortimento de

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1904.

³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jan. 1905.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 ago. 1905.

fazendas, modas, armarinho e confecção a preços sem exemplo”, onde as noivas poderiam comprar seu enxoval, além de outras ofertas, aparecendo com destaque a imagem da dama do barrete frígio, carregando uma bandeira, com o nome do estabelecimento comercial, garantindo o “barato em absoluto” quanto aos seus produtos⁴⁰. O Licor Depurativo de Tayuyá, um daqueles remédios que propalavam servir para o tratamento dos mais variados males, como reumatismo articular, muscular e cerebral, impureza do sangue, moléstias da pele, úlceras sifilíticas, úlceras crônicas, eczemas, dartros, impingem, tinha em sua propaganda um frasco do medicamento de um lado e, do outro, a dama republicana, que, sobre um globo, carregava ervas medicinais⁴¹. A popularidade da figura feminina ficou demarcada a partir da inserção de uma nova matéria publicitária do mesmo licor depurativo, na qual a embalagem do produto era simplesmente dispensada, permanecendo apenas, em posição central, a imagem da mulher-república⁴². A Casa Gato Preto trazia em seu reclame uma conversa entre a dama republicana e dois marinheiros, estando ela a elogiar os “bonitos

⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 maio 1903.

⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 7 nov. 1903.

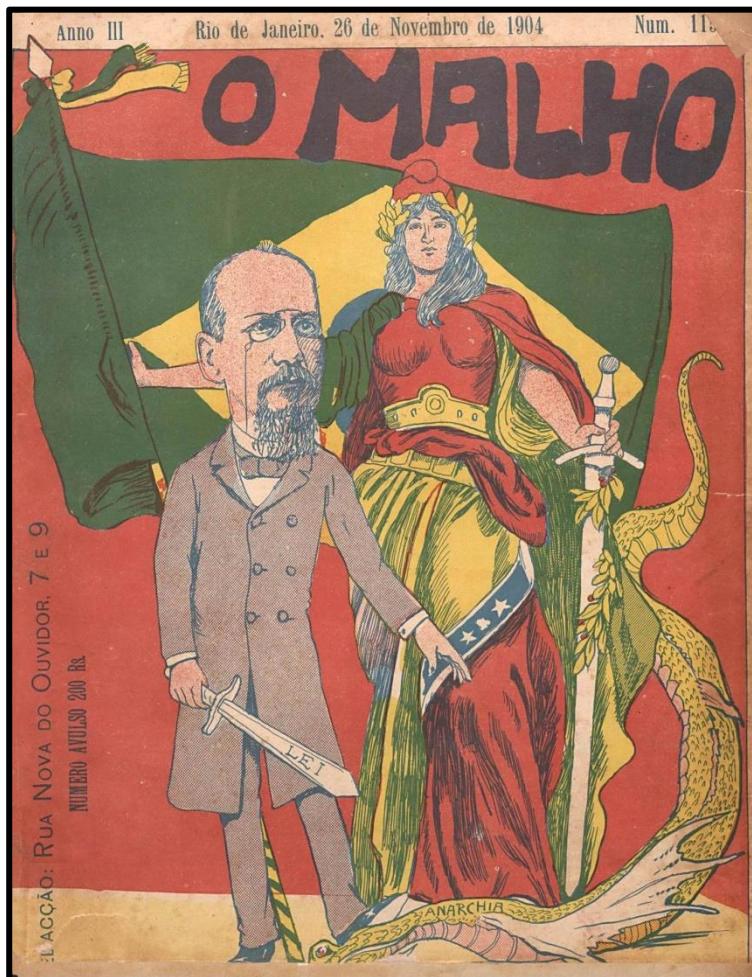
⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1904.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

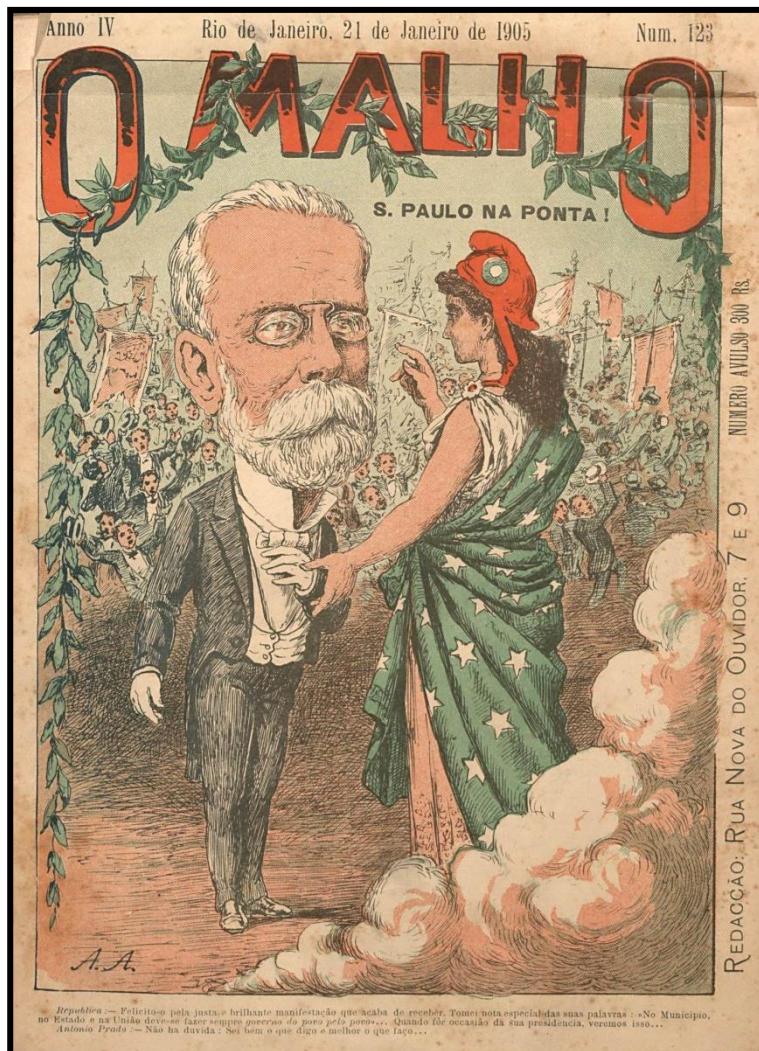
sapatos de verniz”, que eles usavam, ficando a mesma impressionada com o produto, chegando a indicar que iria “obrigar” a sua “marinha” a comprar tais sapatos, pela “elegância” e “pechincha” que traziam consigo, ou, em outras palavras, a loja de calçados tinham a pretensão de tornar-se um fornecedor para o serviço público nacional⁴³.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 7 out. 1905.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Rebelião
POLKA
POR ALFREDO
GRAVATO
A sua mulher.

PIANO

The music is arranged for piano, featuring four staves of musical notation. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature. The second staff begins with a bass clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature. The third staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature. The fourth staff begins with a bass clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature. The music consists of eighth-note patterns and rests.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





República : — Que bonitos sapatos de verniz ! Serão os que vende a «Casa Gato Preto», a 13\$000 ?

Marinheiros : — Saberá vossaencia que sim. São iguaes aos que usam os nossos officiaes : compramol-os tambem, por que são bonitos e baratos.

República : — Fizeram muito bem, e eu vou obrigar a minha marinha a ir comprar sapatos no «Gato Preto». A vista da elegancia é uma pechincha. E que limpeza ! Não ha necessidade de graxa : estão sempre brilhantes. Calçando chic por dez réis de mel coado... 13\$000 !!!...

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

Por vezes *O Malho* representou a alegoria republicana em postura mais ativa, demonstrando insatisfação com o modelo político vigente no país. Em uma delas, a dama republicana mostrava-se insatisfeita com a política exterior brasileira, na busca por demonstrar a contrariedade da “pátria” para com as negociações nas tratativas com o Peru, cobrando uma postura do chanceler Rio Branco quanto às vítimas brasileiras que teriam sofrido com as doenças concernentes à região amazônica, de modo que, assim, dava “a César o que é de César”⁴⁴. No desenho identificado como “prato recusado”, o Presidente oferecia a candidatura de um determinado político, que era considerado inaceitável, por incompetência, ou seja, seria uma comida estragada, frente a qual a república se negava peremptoriamente a comer⁴⁵. O ex-Presidente Campos Sales era desacreditado em caricatura que contava com o Zé Povo e a figura indígena - designando a população brasileira, e com a mulher-república que, carregando nas cores da ironia, enaltecia um propalado “desprendimento heroico” e um “patriotismo” do político⁴⁶. Uma ilustração de capa trazia a alegoria feminil

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1904.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 jun. 1905.

⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro 19 ago. 1905.

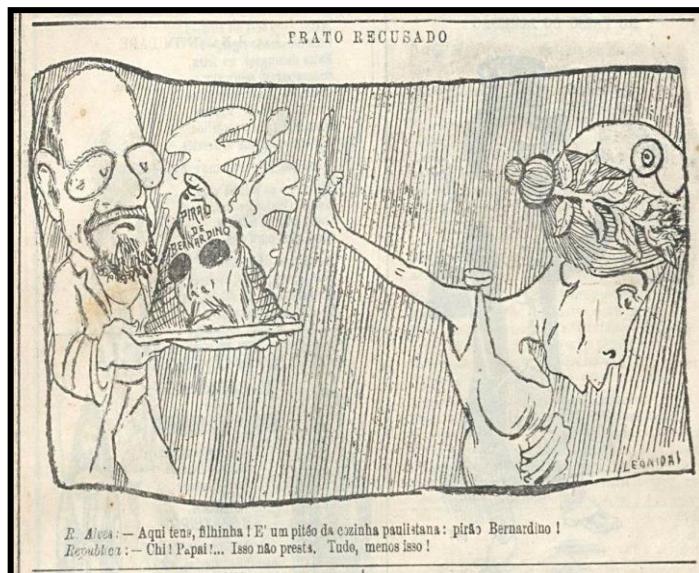
debatendo com políticos e com o Zé Povo acerca da necessidade de reformas constitucionais no país⁴⁷. Ela se transformava ainda em uma “Fada República”, que aparecia em uma série de desenhos nos quais se utilizava de sua varinha mágica para apresentar um possível candidato e ainda para revelar definitivamente sobre os ombros de quem recaíam os gastos gerados pelo aparelho de Estado, sintetizando que toda a conta do serviço público ficava ao encargo do Zé Povo⁴⁸.



⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 nov. 1905.

⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 nov. 1905 e 2 dez. 1905.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 18 DE NOVEMBRO DE 1905

N. 166

O MALHO

MAIS AVENIDAS!



República:—Mas Sr. Lauro!... attenda... Veja que ainda é cedo para essas reformas... Si já dizem que tenho pouco juizo, depois

não capante de me chamarem maluco! Aos 16 anos, é dizer!

Lauro Sodré:—Não quero saber disso! Quero a revisão! Quero o bota abaixo nessa rua, para alargá-la, para fazer a Grande Ave-

nida dos meus sonhos.

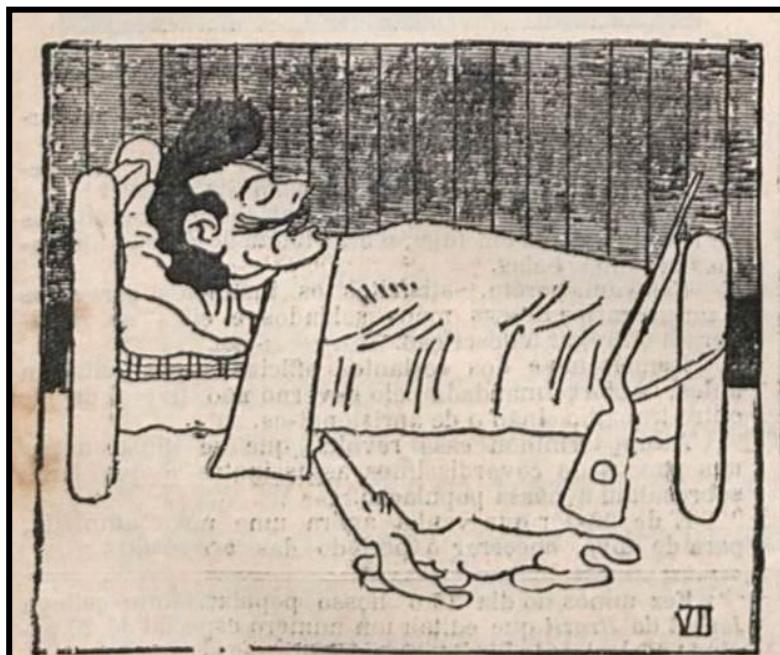
Lauro Sodré da Silva:—E eu estou promptinho da Silva, para ser o Paulo Frontin dessa Gran-Vid. corrompida!

Lauro Sodré:—Isso! Isso! Botem leixa na fogueira... tenham rompantes hispanoës, que eu é que fico a dançar de castanholas na

mão e com a sela na barriga!...

Escriptorio e Redacção, Rua do Ouvidor, 132 Número Avulso 300 rs.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



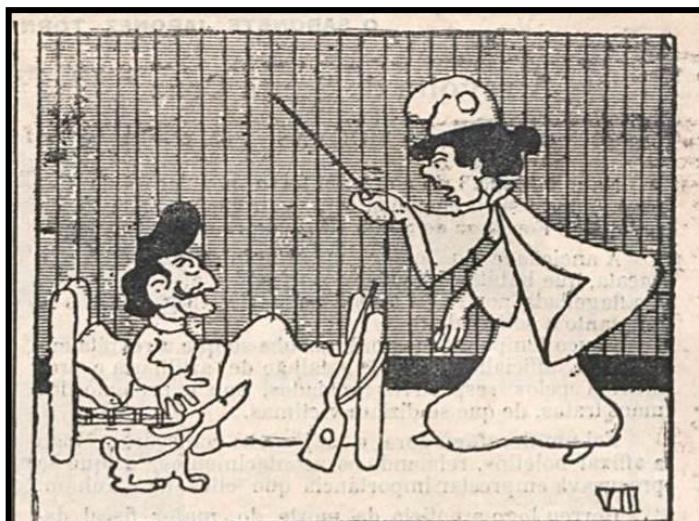
Sonhava que lhe apparecera uma Fada.

Por uma estranha phantasia de sonho, esta Sra. Fada usava o barrete phrygio e trazia ao pescoço, num medallhão de ouro, o retrato do illustre Dr. Rodrigues Alves.

E disse :

— Oswaldo ! Eu sou a Fada Republica. Ouvi falar na sua grande fama. Dizem que és um caçador turuma de ratos e mosquitos. Vou aproveitar-te.

E levantou a varinha de condão.



Immediatamente surgiu um homem melo gordo, sympathico, cara muito redonda e olhos intelligentes.

Sobraçava uma enorme pasta e dava pelo bonito nome de Seabra.



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

— Sim! devo agradecer-te, bondosa Fada Republica e aqui me tens a teus pés, humilde servo (sabes que sempre fui republicano?!). Mas, diz-me, fada do coração,



onde te vem tanto poder, tanto ouro, tanta magestade, dize-me?

— E's curioso, Oswaldo, e isto não é da tua conta. Em-fim como és um homem de talento, eu digo-te... Não é nada, e é tudo, uma formiga e um mundo; um pobreclão que é ao mesmo tempo um ricaço; um bonacheirão que é um colosso; um homem, a quem quasi nunca fazem a vontade e tem, entretanto, imensa força para impol-a; fazem-no de burro de carga e elle nada tem de burro, muito menos burro de carga. Emfim, um cidadão que traz uma enorme bolsa a tiracollo, sempre cheia e está sempre prompto a pagar, a pagar, a pagar...

— E esse homem?

— Chama-se Zé Povo!

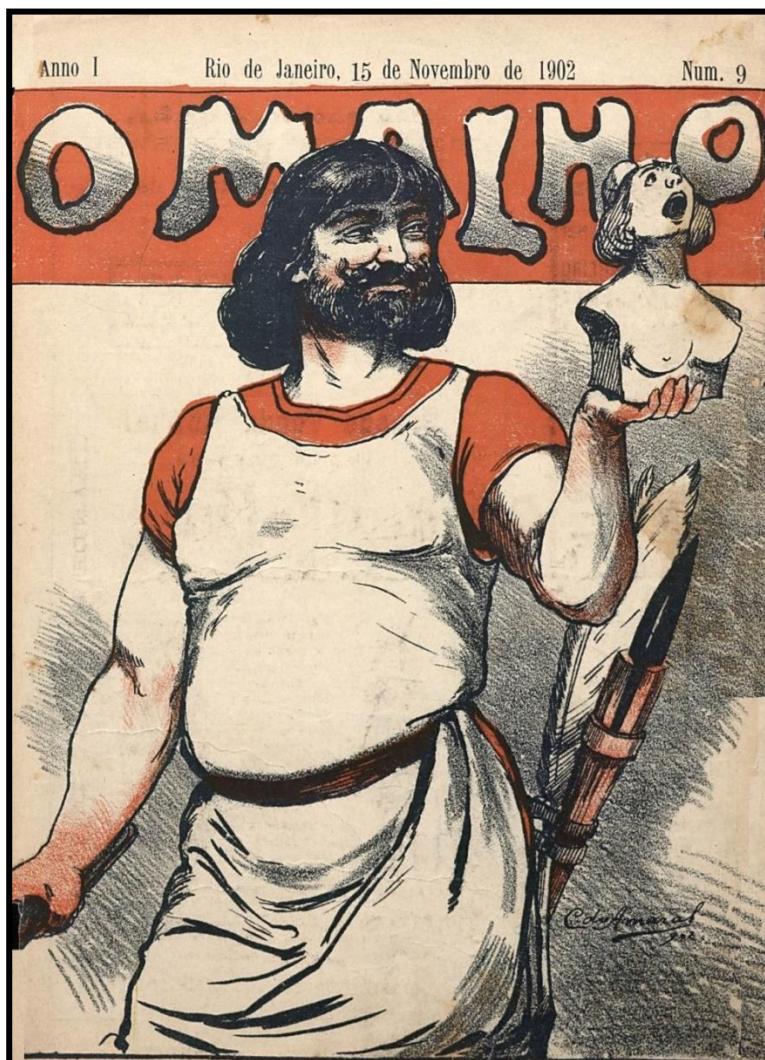
Como uma espécie de representação da representação, por vezes a alegoria republicana era apresentada como uma estátua que, como só a arte caricatural seria capaz de realizar, simbolicamente, ganhava vida, manifestando algum tipo de reação quanto aos acontecimentos no país. Em uma delas, o busto da república encontrava-se nas mãos do próprio malhador, ou seja, aquele que manipulava o instrumento que inspirara o título do periódico, de modo que a figura feminina mantinha uma expressão de desespero, como se estivesse a gritar apavorada com a situação nacional⁴⁹. Diante de um “projeto grandioso” divulgado pela imprensa, o Presidente e o chanceler debatiam sobre os alcances de tais planos voltados a elevar o Brasil no rol das “nações civilizadas”, para espanto da efígie republicana que parecia assistir à cena⁵⁰. Enquanto o Presidente descansava em uma rede, usufruindo das benesses do tesouro nacional, o Zé Povo reclamava de tal situação, ao passo que o busto da mulher-república se mostrava impotente e surda frente ao que acontecia, uma vez que a rede que sustentava o político – a própria bandeira nacional – era presa de um lado ao tronco de uma árvore, ao passo que, do outro, atravessava os ouvidos da estátua, impedindo-a de ouvir as denúncias sobre os desmandos que ocorriam no Brasil⁵¹.

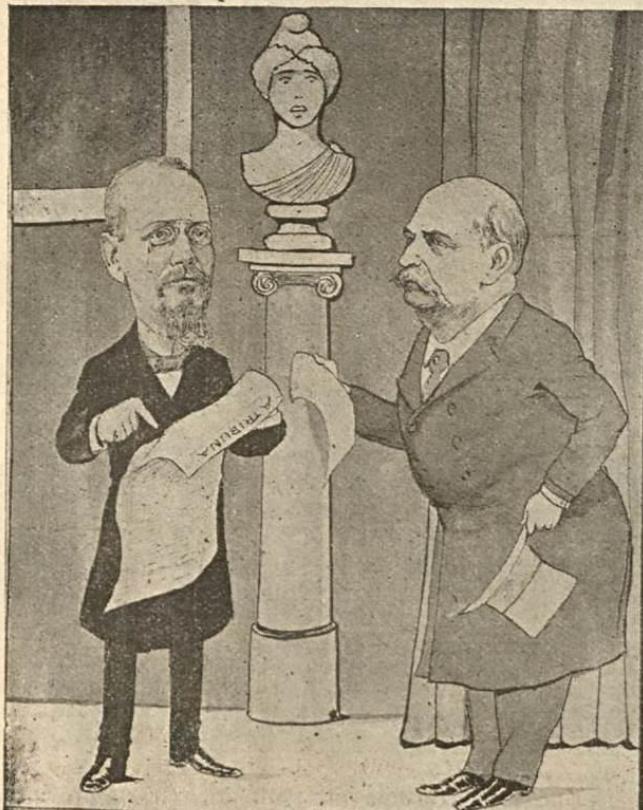
⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 nov. 1903.

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1904.

⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 out. 1904.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





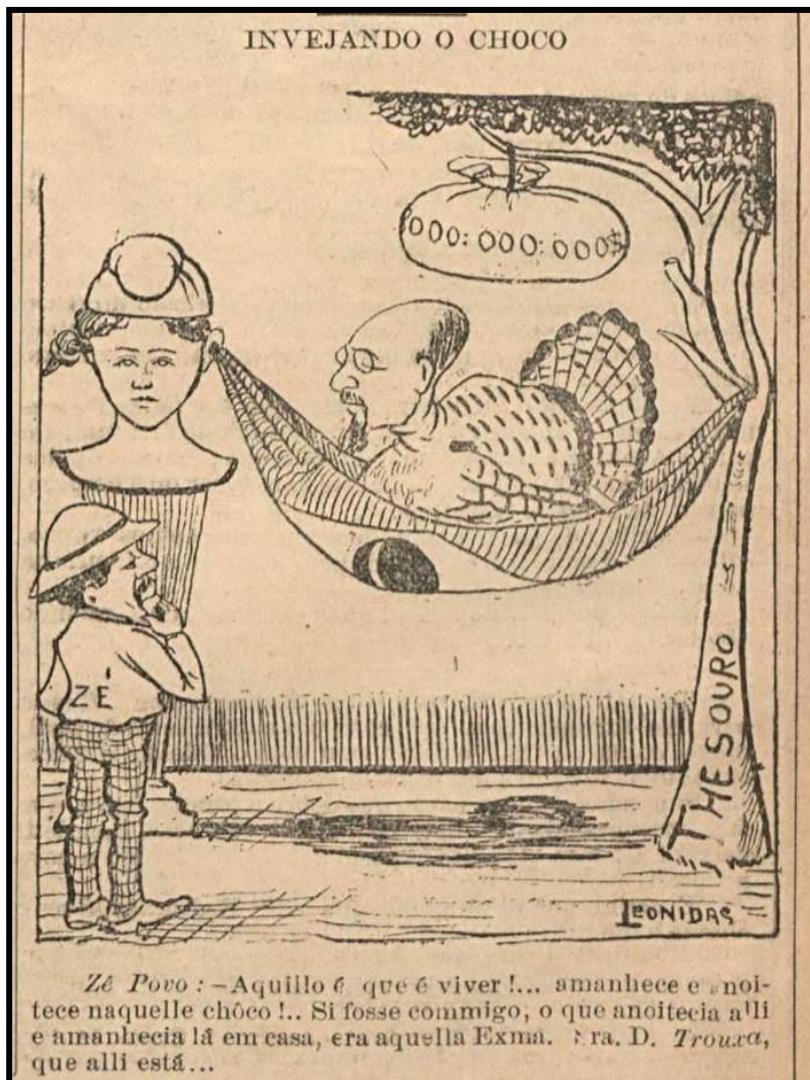
Estava S. Ex. a ler *A Tribuna*, quando chegou o barão e lhe foi logo apresentando um projecto grandioso.

— Sr. Rodrigues, é preciso collocar o Brasil no seu lugar, entre as nações civilisadas...

E explica o projecto. Mas S. Ex., que é *sarado*, desvia o corpo, dizendo-lhe :

— Barão, isso tudo é bom, muitíssimo bem bom... O diabo é que *arames não hão...* O Galeão já me disse que a commisão do orçamento da nação é de opinião que não se pôde esfolar mais o povo, não! Veja você então que é difícil arranjar essa função... Emfim, por que não vai expor o seu plano ao Argollo, barão? Aquillo é um ministério!

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



Zé Povo : - Aquillo é que é viver !... amanhece e noitece naquelle chôco !.. Si fosse commigo, o que anoitecia aíli e amanhecia lá em casa, era aquella Exma. tra. D. Trouxa, que alli está...

A incapacidade atribuída pela revista aos homens públicos brasileiros era representada em gravura na qual o Presidente tinha de realizar verdadeira acrobacia para sustentar um busto da dama republicana, de modo a realizar o que foi ironicamente chamado de “bom movimento”, que colocava o político em uma posição ridícula, supostamente para aliviar alguma sobrecarga sobre a forma de governo instalada em 1889⁵². Ao passo que o político paraense Lauro Nina Sodré e Silva repetisse a tradicional frase de que aquela que existia não seria a “república dos sonhos” de seus idealizadores, a figura estatária saía de sua letargia e, como se tirasse o barrete frígido da frente de um de seus olhos, desobstruía sua visão e esclarecia que o regime vigente era fruto da própria ação dos homens públicos⁵³. Outro cenário trazia uma reunião com várias das personalidades políticas da época, discutindo os rumos de uma transição presidencial, frente ao comentário incrédulo do Zé Povo e de um ar de tristeza do busto republicano, frente à falta da preeminência dos interesses públicos naquele tipo de debate⁵⁴. A politicagem campeava em outra caricatura, sendo denunciada

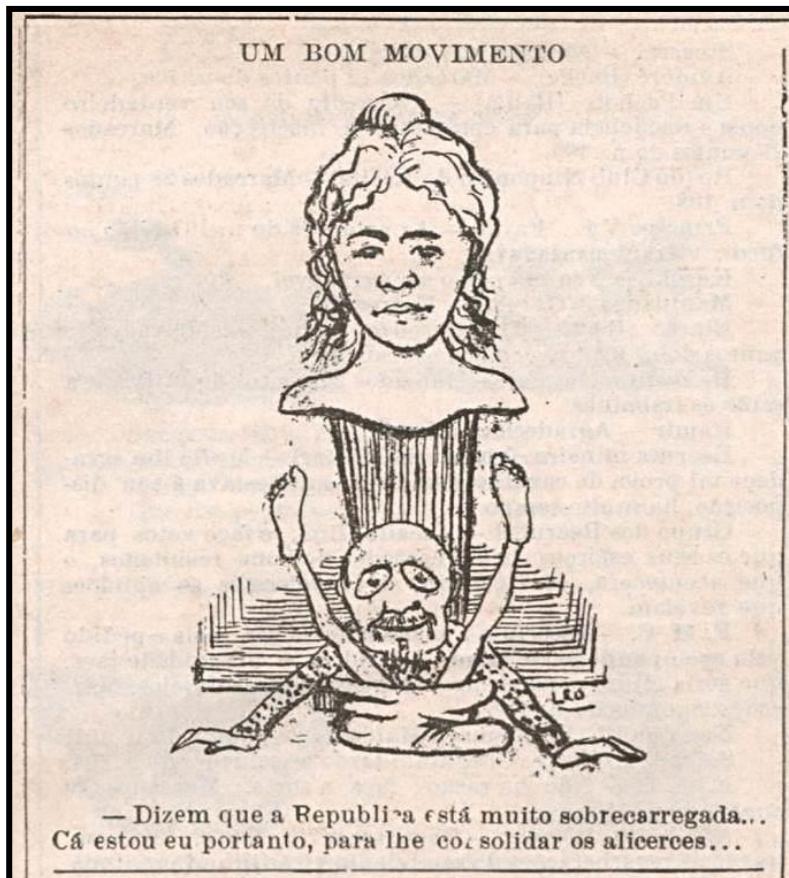
⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1904.

⁵³ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 nov. 1904.

⁵⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 mar. 1905.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

pelo Zé Povo e pela figura que representava *O Malho*, ao passo que a efígie republicana parecia desistir de contrariar-se com aquele tipo de situação, vindo a optar por certo desinteresse quanto aos destinos do país⁵⁵.



⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jul. 1905.

Anno III

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1904

Num. 114



Lambo Sonet: — Abaixo esta Republica que não é a dos meus sonhos!
REPÚBLICA: — Pois, olhe! sou a mesma que vocês proclamaram há 15 anos... Não tenho culpa de que vocês mudem de pesadelos e pretendam curar o doente... cortando-lhe a cabeça!...

REDACÇÃO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 7 E 9

NUMERO AVULSO 200 Rs.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

O AVANÇA PRESIDENCIAL

Zé Povo (à parte): — Chi! que pessoal escovado! E como está assanhado! Será conspiração para bernardão? Quem derais!...

Ruy Barbosa: — Pois é como lhe digo! o candidato deve saber, pelo menos, falar e escrever português e outras línguas...

Severino: — Quanto a línguas, não sei: guecas é que é preciso ter. E boa vista para espiar mare...

Affonso Penna: — É eu, seu Salles, fico no tinteiro?

Chico Salles: — Não sei; é conforme mugir o nosso boi eleitoral, que é o mais corpulento, mas também, si você não lhe metter o dente, ningum mais lhe metterá.

Rosa e Silva: — Só muito depois de sábado de Alleluia, lá para o S. João, é que escolherei candidato; desde já, porém, varro fora o Campos Salles, nem que me rachem!

Benedicto Leite: — De certo! O paiz não é só S. Paulo. O Recife é a Venezia e o Maranhão a Athènes brasileira.

Glycerio: — Hum! Não me cheira! Cá por este lado vejo as couças muito pretas e o Bernardino no arroz!...

Campos Salles: — E então, seu Pinheiro, estamos no matto seu cachorro, hein?

Pinheiro Machado: — E' como já lhe disse: ou vai ou racha! Não cedo uma linha!

Rodolfo Miranda: — Pois, parece-me que é por um fio que os senhores serão bixodeados!

Antônio Lemos: — Nós aqui, no fim do norte, falaremos no fim da festa!

Arthur Lemos: — E' o melhor partido, *rira bien qui rira le dernier...*

Indio do Brasil: — Eu não tenho nada com o *pirarucú*, mas vou todo na opinião do Arthur.

Montenegro: — Perfectamente, no fim é que está a virtude de das couças do Pará...

Lauro Müller: — Sucia de ingratos! Ninguem fala no Bernardino! Pois olhem que eu sou a sua estaca: quanto mais me batem mais seguro fico, e estou disposto a afundar com o Bernardino, que é a menina de meus olhos!

Zé Povo: — Ah! Elle é isso? Pois eu vou fazer o possível para que o companheiro da estaca fique mesmo... estaqueado. Dessaforo!...



As decepções para com o modelo com que se consolidou a nova forma de governo demarcaram outra perspectiva expressa por *O Malho* no que tange à alegoria republicana. Uma dessas caricaturas trazia uma mulher-república obesa por estar repleta de compromissos não cumpridos, em um quadro pelo qual o Presidente garantia que viria a “executar o verdadeiro regime presidencial”, diante do que ela demonstrava ampla falta de confiança, uma vez que estava “de promessas, mais

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

que farta e mais que gorda”⁵⁶. O aniversário da constituição republicana viria a coincidir com os festejos carnavalescos, de modo que o periódico trouxe ilustração na qual figurava apenas a silhueta da dama republicana fazendo barulho por meio de instrumentos musicais de percussão, um bumbo e um prato, como que a mostrar indignação com os rumos que o país seguira, enquanto um passante, com feição debochada, dizia que ela estava a festejar “o seu natalício” em plena terça-feira de carnaval, de modo que só assim teria alguma razão para comemorar e, “ao menos uma vez por outra”, a “coitadinha” poderia “ficar alegre”⁵⁷. Já na comemoração de um 15 de Novembro, data cívica alusiva à forma de governo instaurada em 1889, enquanto a figura presidencial se mostrava satisfeita pelas representações que se faziam presentes ao palácio presidencial, uma jovem república estranhava a completa ausência do povo nas celebrações⁵⁸.

⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 nov. 1902.

⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 28 fev. 1903.

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1904.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



Em diversas representações feminis da forma republicana, a alegoria perdia o protagonismo, passando a desempenhar um papel de passividade e/ou sendo manipulada pelos homens públicos da época. Uma delas trazia “o primeiro beijo” entre a dama republicana e o Presidente, demonstrando a perspectiva negativa quanto ao sucesso de tal matrimônio, que não passaria de uma “fantasia”, tendo em vista o “moderno estilo político”⁵⁹. A mulher-república aparecia também com os seios desnudos, em sinal de plena falta de proteção, sendo marcada a ferro no peito, em referência a uma reforma eleitoral que lhe seria imposta, sendo que o próprio político, o pernambucano Francisco de Assis Rosa e Silva, que lhe impunha o suplício pedia-lhe para ter “paciência”, pois seria necessário aceitar o sacrifício, ao passo que o Zé Povo se compadecia dela, rezando para que aquela medida fosse suficiente para aliviar os sofrimentos da figura feminina⁶⁰. Com sentido parecido, em época de aniversário republicano, a alegoria republicana aparecia em desespero, esquálida e vestida em farrapos, completamente desprotegida e, além disso, espantada, em razão do presente que lhe trazia o

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 nov. 1902.

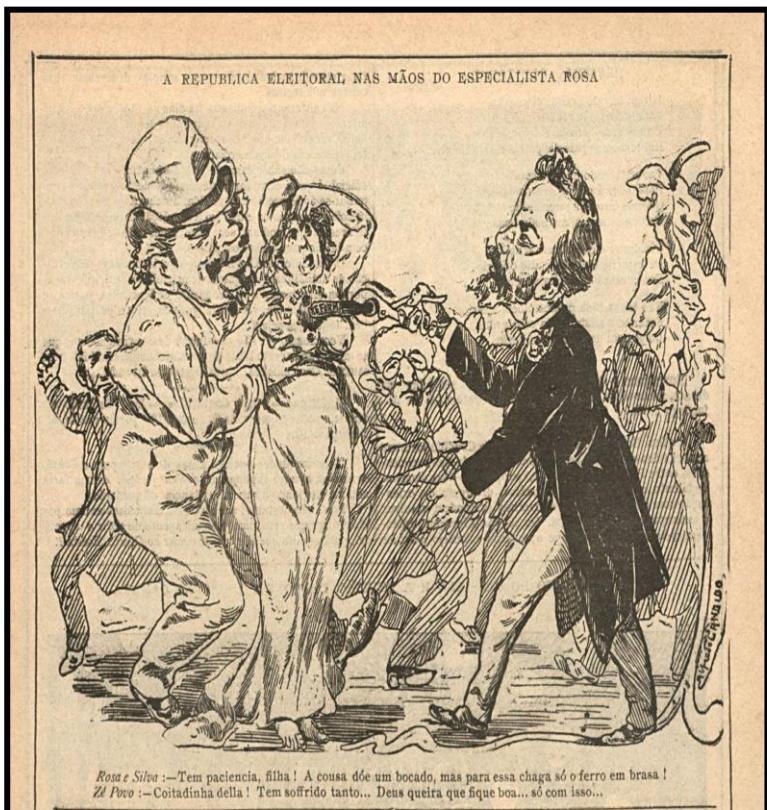
⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1904.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

Presidente, ou seja, uma corda que serviria para enforcá-la, de modo que serviria para “um serviço muito útil”, pois constituiria “a última palavra para acabar” com “sofrimentos”⁶¹.



⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1904.



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



A “Festa de Reis”, tradicional ocasião demarcada pelos periódicos caricatos, servia como oportunidade para que aparecesse a passividade da dama republicana, que, em um arremedo de

presépio, fazia o papel de Maria, recebendo os três reis magos que traziam estranhos presentes, em alusão aos desmandos quanto às verbas públicas, ao passo que o Presidente aparecia como o menino Jesus, a brincar com o chocalho da constituição, enquanto “sua mãe” dizia que, à medida que ele se aborrecesse daquele que tinha em mãos, pegaria os “brinquedos” que lhe eram ofertados⁶². Uma mulher-república seminua aparecia como uma nova “tentação de Santo Antônio”, propondo que o ex-Presidente Campos Sales lançasse uma nova candidatura para retornar à presidência, sendo o diálogo entre ambos travado na forma de versinhos, nos quais, em conclusão, ele se recusava a aceitar a oferta, por causa da “agonia” que sofreria “um pobre candidato”⁶³. No aniversário da constituição, enquanto o Presidente comemorava, o político baiano Rui Barbosa lamentava a quantidade de “remendos”, em alusão às alterações no texto constitucional, que ela possuía em suas vestes⁶⁴. A alegoria feminil era vista também como uma noiva em potencial, cuja mão era disputada por meio de um duelo à espada, enquanto ela partia com um

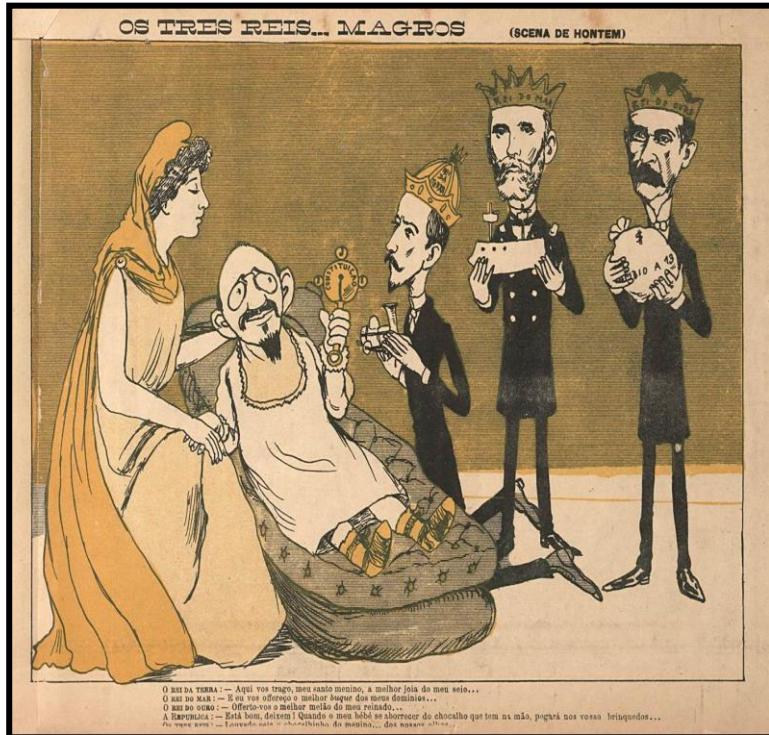
⁶² O MALHO. Rio de Janeiro, 7 jan. 1905.

⁶³ O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jan. 1905.

⁶⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1905.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

terceiro, exatamente o indicado pelos convencionais caminhos estabelecidos pelo modelo vigente⁶⁵.



⁶⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 ago. 1905.

TENTAÇÃO DO SANTO ANTONIO... DO BANHARÃO



C. Salles : — Não me tentes, rapariga !
Não mais quero governar !
O Cattete é grossa espiga...
Não me queiras... espigar !

Tentação : — Teu falar meu peito gela,
Murcha a penna de pavão,
Que é teu sceptro... e só com ella
Terás tu meu coração !

C. Salles : — Duro preço, mas podia
Ser peior !... O' povo ingrato !
Tu não sabes que agonia
Soffre um pobre candidato !

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





A dama republicana foi também apresentada em péssimas circunstâncias, estando nos estertores ou mesmo perdendo a vida. A república acometida por doenças foi uma representação recorrente nas páginas de *O Malho*, como foi o caso dela aparecer abatida e acamada, tanto que, em pleno 15 de Novembro, o Zé Povo lamentava que ela, apesar de bastante jovem, ainda não conseguira levantar-se do leito⁶⁶. Na mesma linha, a mulher-república aparecia agonizante na cama, enquanto os homens públicos, fazendo o papel de médicos, não se acertavam quanto ao tratamento que deveriam dispensar à “paciente”⁶⁷. O militar Agostinho

⁶⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 14 nov. 1903.

⁶⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1904.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

Raimundo Gomes de Castro ameaçava a república com duas facas identificadas com a “revolução” e a “ditadura”, considerando que ela se tornara “prostituída”, ao que ela reagia, dizendo que era “filha” dos próprios militares⁶⁸. Uma república armada e vestida em farrapos era transformada em Judas, sendo enforcada em uma árvore identificada com o “inferno dos políticos”, para espanto dos homens públicos que surgiam como os frutos da árvore, enquanto o perpetrador do enforcamento era o próprio Zé Povo, considerando-a como uma “falsa república”, que o fizera “comer o pão que o diabo amassou”, estando ele ali para se vingar⁶⁹. A dama republicana aparecia diante do médico, sendo diagnosticado que seu mal advinha dos excessivos malfeitos dos políticos, receitando-lhe um purgante como único lenitivo⁷⁰. Um ator da vida política chegava a condenar a república à morte, ao lançá-la ao fundo de um precipício⁷¹. Uma república nua, portando apenas o barrete frígio, era representada deitada em uma maca, enquanto uma fila de políticos debatia possíveis diagnósticos para atenuar os males da mulher doente, sendo

⁶⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 abr. 1905.

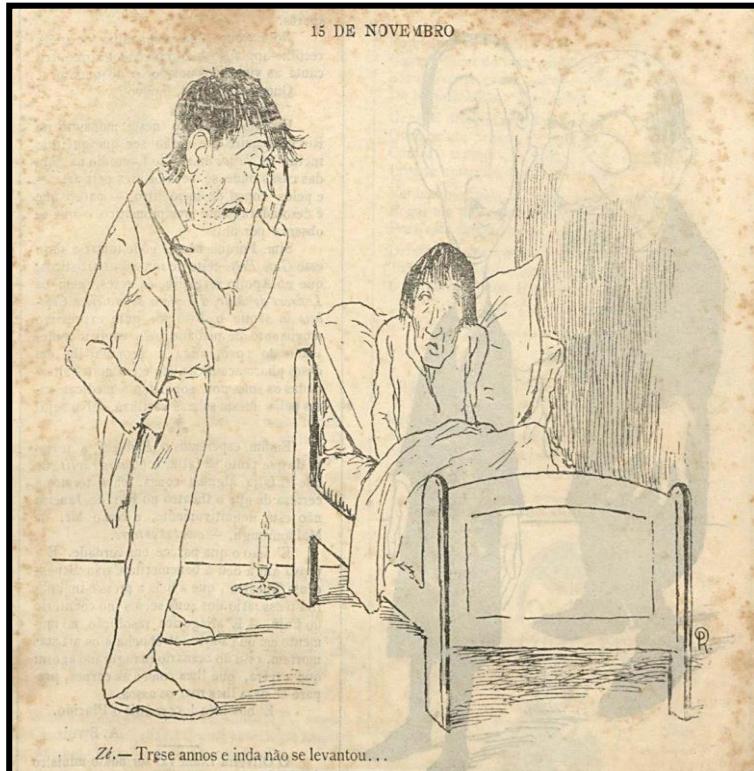
⁶⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 abr. 1905.

⁷⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 jun. 1905.

⁷¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 jun. 1905.

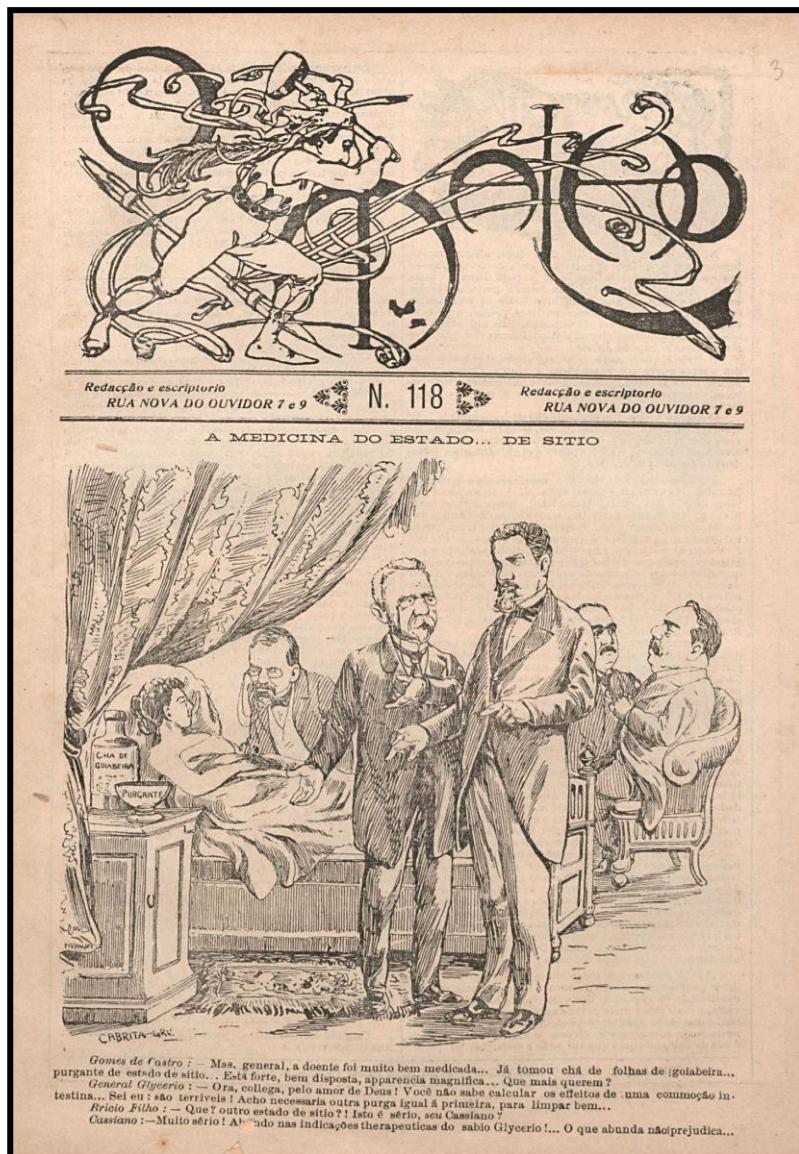
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

chamados ironicamente de “salvadores da república”⁷².

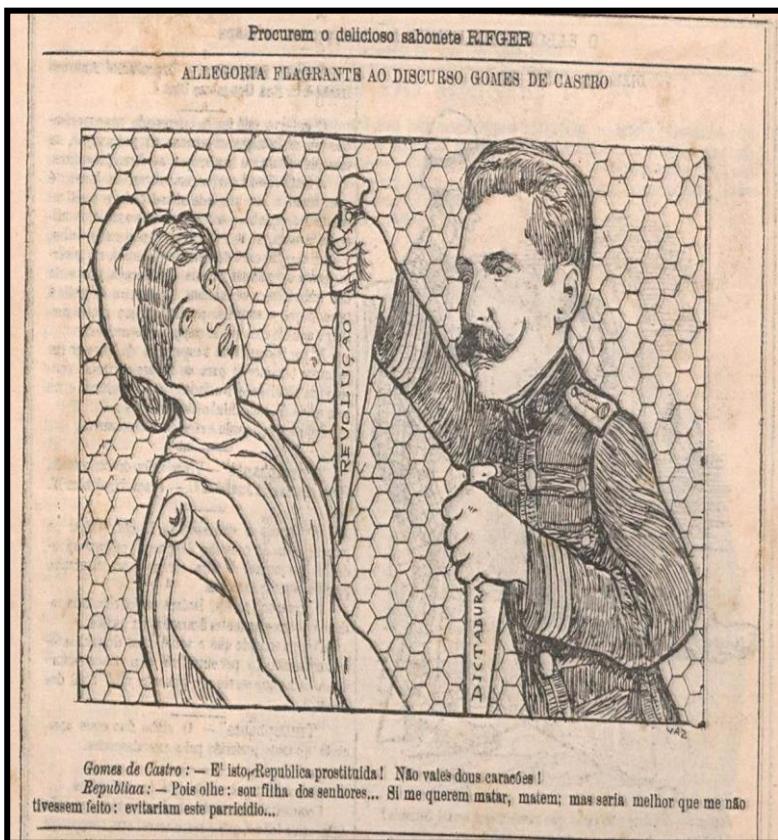


⁷² O MALHO. Rio de Janeiro, 11 nov. 1905.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

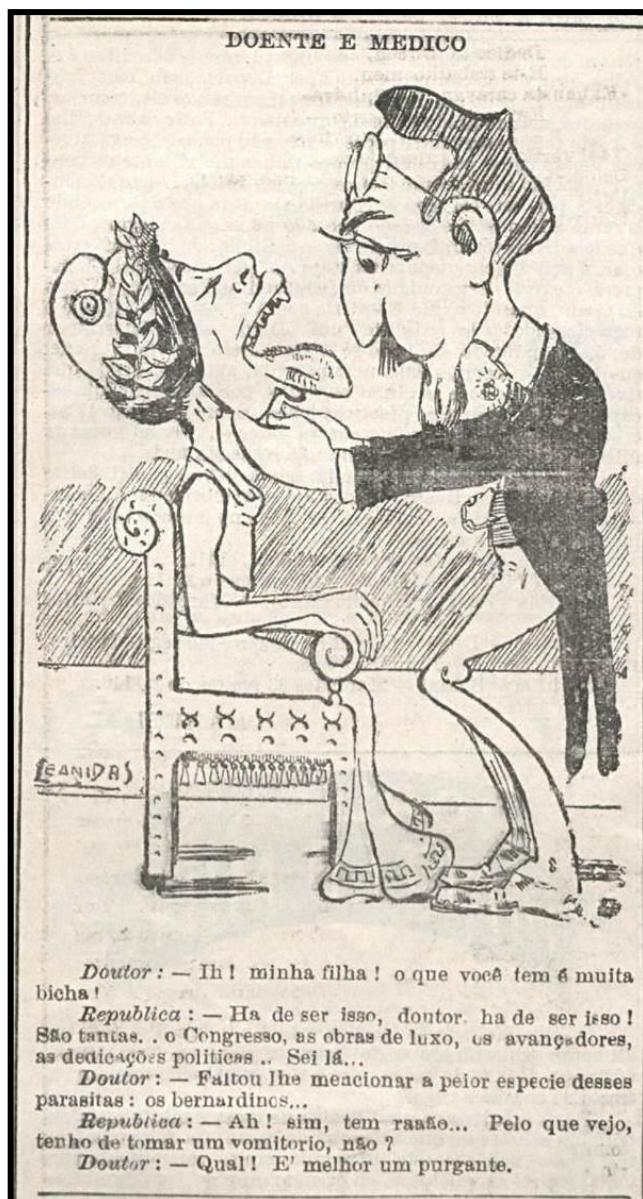


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





Doutor : — Ih ! minha filha ! o que você tem é muita bicha !

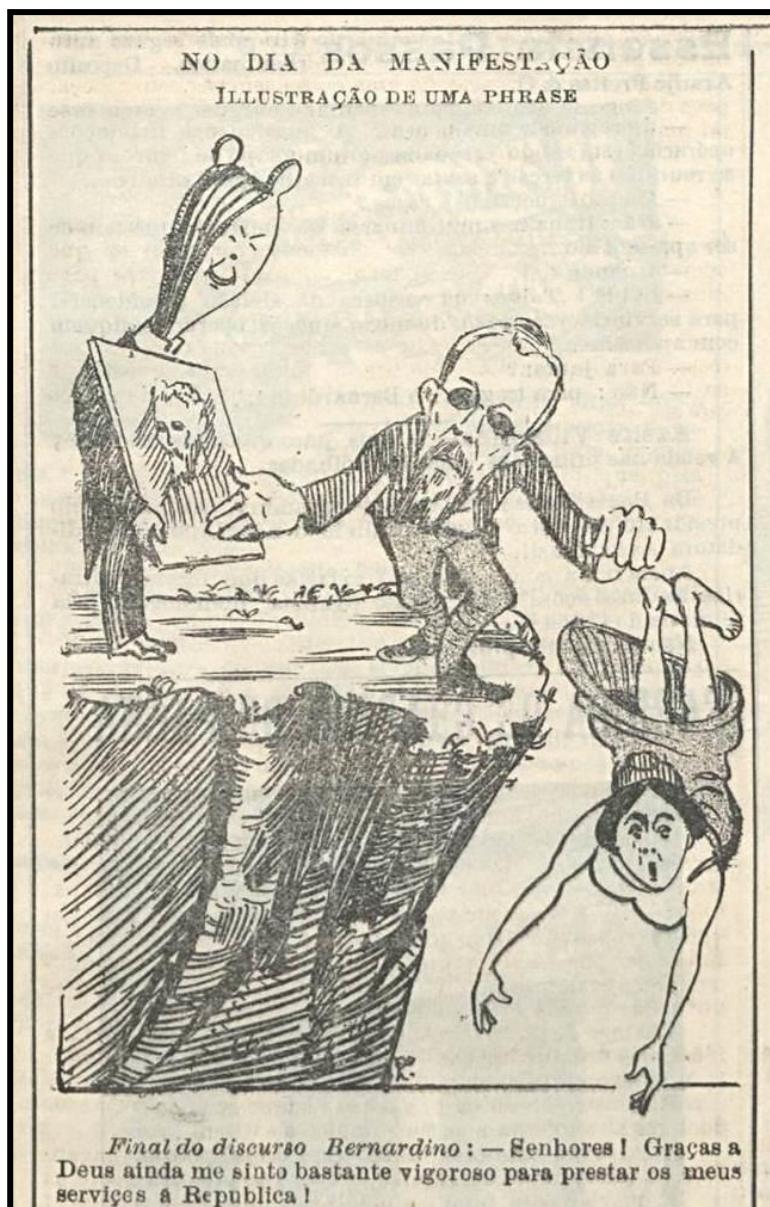
Republica : — Ha de ser isso, doutor. ha de ser isso ! São tantas... o Congresso, as obras de luxo, os avançadores, as dedicações políticas... Sei lá...

Doutor : — Faltou lhe meacionar a peior especie desses parasitas : os bernardincs...

Republica : — Ah ! sim, tem raarro... Pelo que vejo, tenho de tomar um vomitorio, não ?

Doutor : — Qual ! E' melhor um purgante.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Uma república corrompida e/ou deturpada em seus ideais foi outra recorrência nas páginas de *O Malho*. A figura feminina desvirtuada aparecia como uma mulher que buscava assustar o Zé Povo, carregando o porrete da “discórdia”, mas ele reagia, dizendo que já não mais receava o modelo

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

autoritário que ela representava⁷³. Em mais um aniversário republicano, a revista ilustrada mostrava dois retratos da alegoria, a pura e recatada de 1889 e a corrompida e debochada de 1902⁷⁴. Sob o olhar do Zé Povo, a respeito do “futuro Presidente”, a república aparecia prometendo distribuir cafunés para os possíveis candidatos⁷⁵. Uma república desbragada era posta frente a uma vitrine com supostas joias, representadas pelos homens públicos de então, considerados como ilegítimos, sendo responsáveis pela pecha de “falsificada” que a ela era imposta⁷⁶. A mulher-república apontada como a ideal, junto de Rui Barbosa, observava uma república ditatorial, a qual, segundo ele, estaria a merecer uma “camisola de força”⁷⁷. Na mesma linha, a imprensa entrevistava uma república envelhecida e convertida à ditadura, que igualmente seria condenada a viver em um hospício⁷⁸. Uma república fortemente armada montava um burro, que era empurrado pelo Presidente, enquanto o Zé

⁷³ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 set. 1902.

⁷⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 nov. 1902.

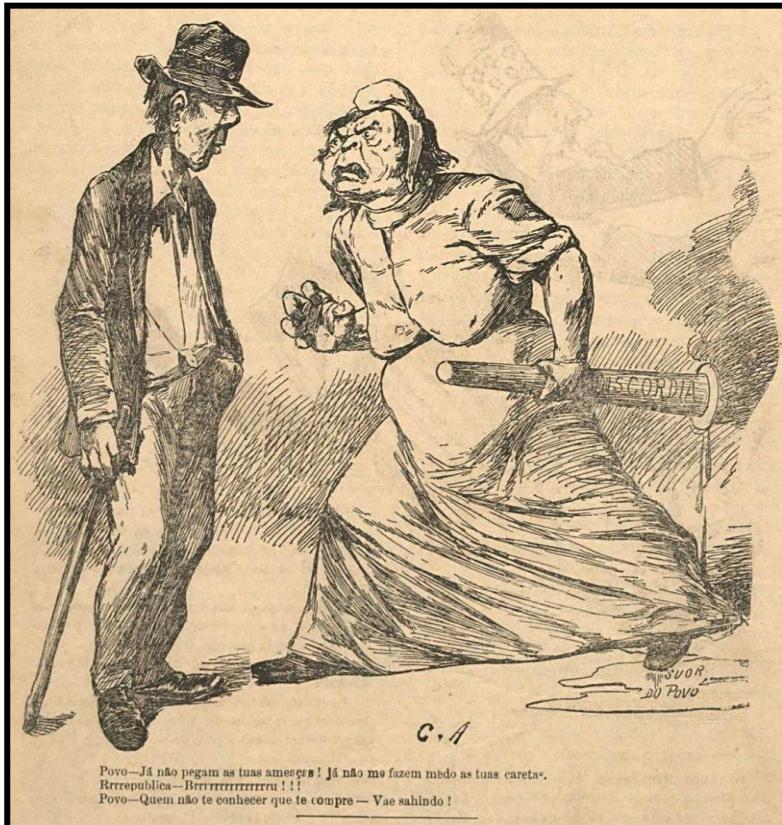
⁷⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1904.

⁷⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1904.

⁷⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1904.

⁷⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1904.

Povo questionava qual seriam os destinos daquele tipo de regime⁷⁹.



⁷⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 nov. 1905.

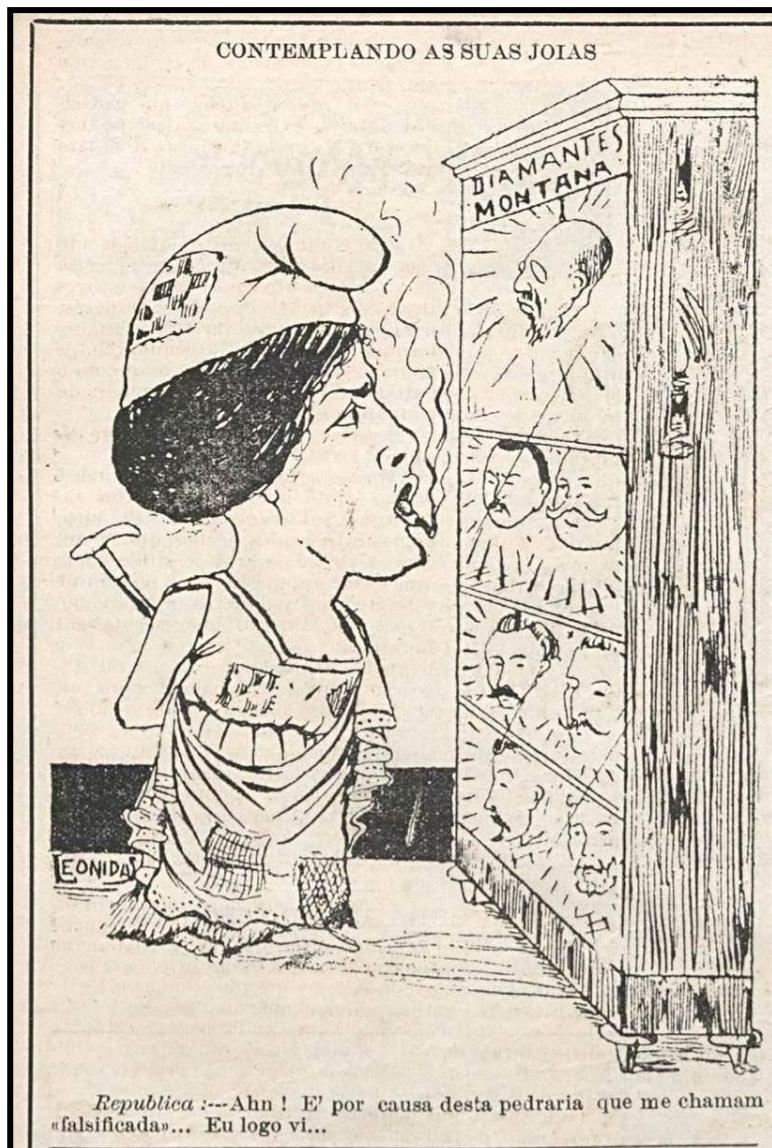
A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

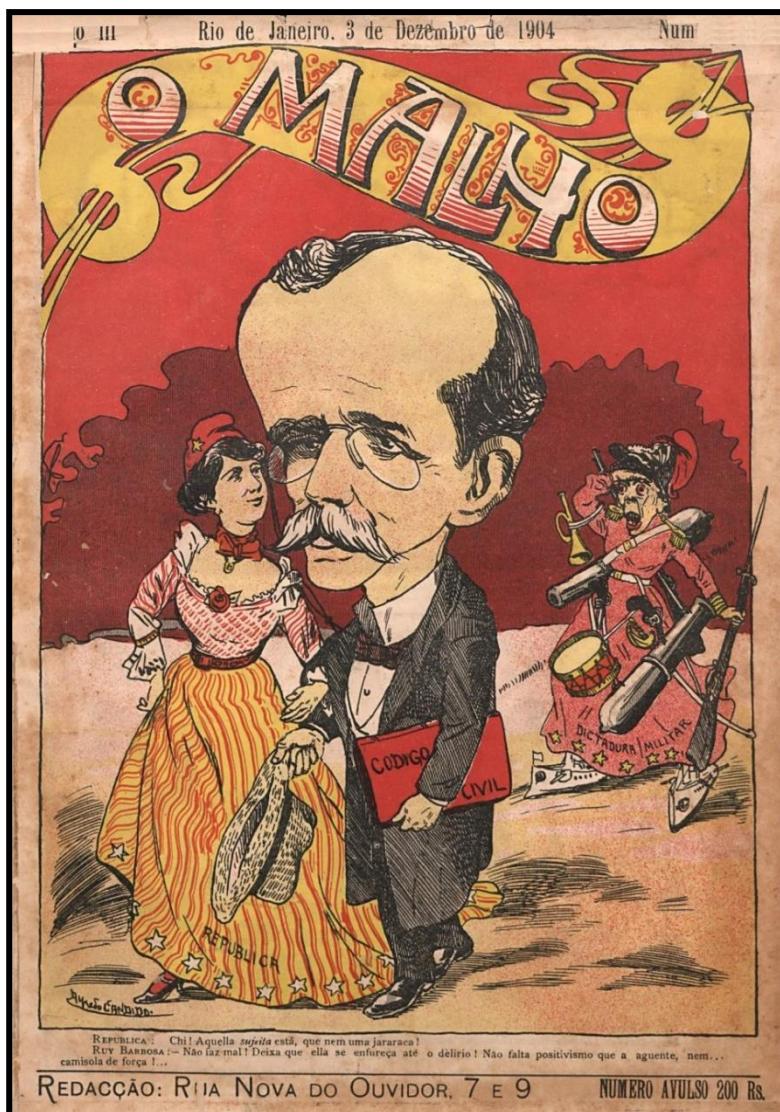


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



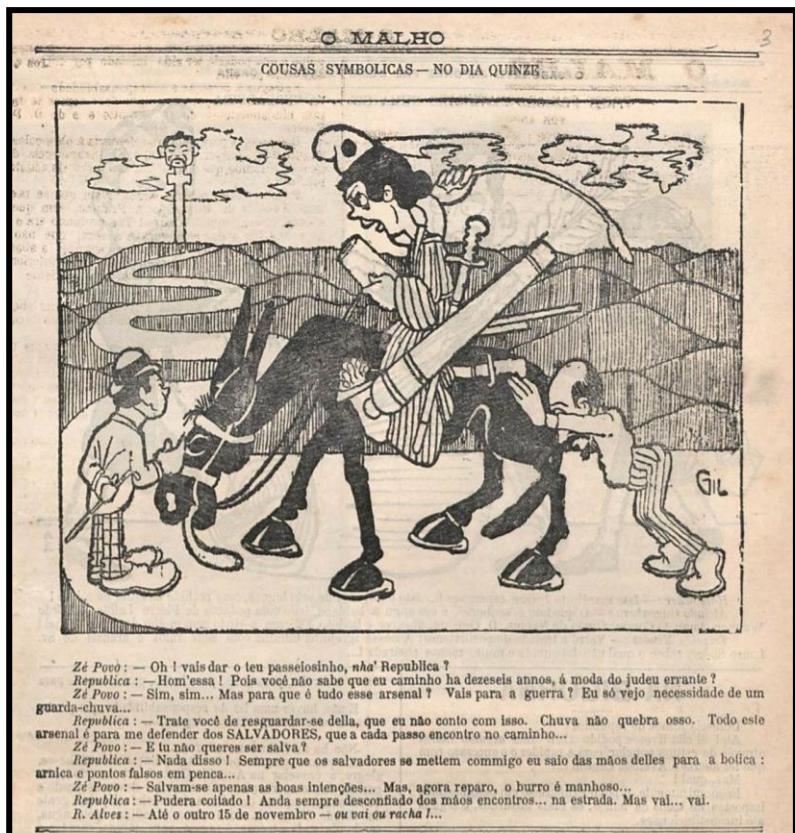


A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



- O seu nome ?
- Dictadura.
- A sua idade ?
- Quinze annos.
- Só ? ... E já tão gasta !...
- É por causa de uns filhos malucos, que tenho...
- O seu estado ?
- De sitio !
- Onde mora ?
- Não sei. Em qualquer parte...
- De quem é filha ?
- De D. Ambição de Tal... Não sei quem é meu pai.
- Sei eu : é muita gente boa...
- Não duvido !
- Sabe por que é acusada ?
- Sei : por tentar exercer um direito que a Constituição me garante : a liberdade de profissão....
- Ah !... E qual é a sua profissão ?
- Fazer malhorca ! Pôr tudo de pernas para o ar !
- Pois, saiba que essa resposta lavrou a sua sentença. Escolha : ou Acre ou Hospício de Alienados...
- Prefiro o Hospício : no Acre serei obrigada a... trabalhar !

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Assim, na prática de um jornalismo crítico-opinativo, *O Malho*, em seus três primeiros anos, proporcionou aos seus leitores a perspectiva de transição em relação à imagem alegórica da república, desde a idealizada até a corrompida, conforme pode ser sintetizado no próximo quadro:

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

- seria ➡ debochada
- formal ➡ informal
- forte ➡ fraca/frágil
- saudável ➡ doente
- jovem ➡ velha
- deslumbrante ➡ maltrapilha
- deusa ➡ mundana
- pura ➡ corrompida
- dama ➡ devassa
- vestal ➡ prostituta

Tal transmutação da figura feminina que aludia à república refletia o olhar crítico e satírico lançado sobre os mantenedores do status quo, com a formação de um modelo oligárquico de amplo predomínio das aristocracias agrárias, sem chances de uma participação popular mais decisiva e com precárias condições de ascensão socioeconômica. Nesse quadro, permanecia a configuração de uma república ideal, na tentativa de demonstrar que ainda poderia restar algum resquício da forma de

governo almejada por seus idealizadores, mas tal representação teria de conviver recorrentemente com a imagem de uma república desvirtuada, que não se coadunava com expectativas que imaginavam um regime bastante diferente daquele que acabara por ser plasmar no país. Idealizada ou corrompida, a alegoria feminil republicana mostrou-se altamente reconhecível em meio ao público leitor de *O Malho*, como demonstrou, na forma de amostragem, a significativa recorrência a tal símbolo nos três primeiros anos de existência do hebdomadário.

A REVISTA CARETA E A DAMA REPUBLICANA NOS ESTERTORES DA REPÚBLICA VELHA

A alternância entre paulistas e mineiros no controle do aparelho de Estado à época da República Velha nem sempre constituiu um processo histórico amplamente pacífico marcado por uma troca simplesmente pasmacea. Várias vezes ocorreram dissidências em meio às oligarquias, que proporcionaram o surgimento de candidaturas alternativas e/ou oposicionistas, como foi o caso da Campanha Civilista e da Reação Republicana. Ao final da década de 1920, ocorreria a mais grave dos movimentos dissidentes, com a formação da Aliança Liberal. A escolha do Presidente da República, Washington Luís por um sucessor paulista e não de um mineiro como previa a tradicional alternância, levou à formação de uma frente de oposição liderada pelas oligarquias mineira, gaúcha e paraibana. Desenrolou-se então uma acirrada campanha entre o candidato situacionista, Júlio Prestes, e o aliancista, Getúlio Vargas. Conforme o modelo eleitoral então vigente, a vitória foi do candidato governista, passando a paulatinamente

fermentar-se entre os oposicionistas um espírito revolucionário que viria a redundar na deflagração da denominada Revolução de 1930, fenômeno que demarcou o final da Primeira República⁸⁰.

Nessa passagem dos anos de 1920 a 1930, a imprensa constituiu um veículo de propaganda fundamental para a expressão das formas de pensar e agir tanto de governistas quanto de oposicionistas, buscando um processo de legitimação/deslegitimação das forças em confronto. O jornalismo passava nessa época por uma etapa de expansão, com a circulação de gêneros variados, como foi o caso das revistas ilustradas,

⁸⁰ Sobre a conjuntura dessa época, observar: BONAVIDES, Paulo & AMARAL, Roberto. *Textos políticos de História do Brasil*. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 2002.; CARONE, Edgard. *Revolução do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: DIFEL, 1977.; CARONE, Edgard. *Brasil - anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.; FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.; FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. *A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do liberalismo oligárquico - da proclamação da República à Revolução de 1930 - Primeira República (1889-1930)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 388-390.; IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.; e MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História - texto & consulta (Era Vargas)*. São Paulo: Hucitec, 1989.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

que caíram no gosto do público leitor⁸¹. Em meio a tais magazines, um dos mais destacados foi aquele vinculado ao caráter humorístico-satírico, que observavam a sociedade sob um prisma profundamente crítico, por meio da construção textual e imagética, mormente ao lançar mão da arte caricatural.

Dentre tais revistas humorístico-ilustradas brasileiras, uma das que mais se destacou foi a

⁸¹ A respeito do processo de evolução das revistas, observar: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Careta, editada no Rio de Janeiro, de 1908 até a década de 1960. Contou com alguns dos mais importantes caricaturistas de então, bem como estiveram entre seus colaboradores vários próceres da literatura⁸². Atuou como uma revista de variedades, com ênfase no humor, vindo a alcançar expressiva circulação e destacando-se na imprensa ilustrada da época⁸³, tendo uma proposta vasta e sedutora para o público apreciador das sessões galantes do jornalismo *smart*⁸⁴. Intentou constituir uma publicação popular e foi amplamente distribuída em grande parte do território brasileiro⁸⁵.

Desde o início a *Careta* granjeou sucesso, tanto que, logo no início foi consagrada com o Grande Prêmio da Exposição Nacional, de modo que viria a transformar-se em uma deliciosa criação gráfica, literária e artística, pelo bom gosto inalterável da sua arte sempre atual, surgindo daí o imenso prestígio que sempre desfrutou, não somente nas classes intelectuais do país, como em

⁸² SODRÉ, 2007. p. 302.

⁸³ COHEN, 2008. p. 116.

⁸⁴ MAUAD, 2006. p. 374.

⁸⁵ CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

meio à população em geral⁸⁶. Ainda que tenha surgido nos primórdios do século XX, a *Careta* soube adaptar-se às transformações pelas quais passava o jornalismo brasileiro, vindo a equiparar sua feição editorial e gráfica aos padrões que marcavam as revistas da década de 1920 em diante. Por meio de crônicas textuais e imagéticas acerca do cotidiano brasileiro – principalmente o do Rio de Janeiro, epicentro político-ideológico e sociocultural do país –, abordando temáticas variadas como os bailes, o carnaval, as praias, o futebol, e mesmo o conjunto da vida política e cultural, a revista primava pelo uso da fotografia como um dos motes de sua feição, bem como se utilizou largamente da arte caricatural. Tais inserções de natureza iconográfica não foram apenas um complemento às suas edições, mas sim um elemento constitutivo essencial de cada número. Nesse sentido, informação e uma perspectiva jocosa, bem humorada e irônica conviviam harmonicamente nas imagens da *Careta*⁸⁷.

⁸⁶ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

⁸⁷ ALVES, Francisco das Neves. *A Revolução de 1930 através das caricaturas e dos registros fotográficos da Careta*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 11-12.

Em sua edição inaugural, a revista dizia que o seu “programa cifra-se unicamente em fazer caretas”, propondo-se a oferecer “uma porção de caretas que iremos mostrando todos os sábados, à razão de 200 réis”. Ao trazer “um programa tão vasto, tão sedutor, tão *carterístico*” esperava “da simpatia do público o franco acolhimento que lhe não merecem tantas caretas por aí, bem conhecidas”⁸⁸. Em seu segundo ano, com humor, o magazine expressava algumas de suas propostas, invocando, jocosamente, as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma “série de *caretas*” que teriam formado “um alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”⁸⁹.

Em outro de seus aniversários, o periódico ilustrado enfatizava que sua publicação era “consagrada à risonha tarefa de tornar risonhos os seus leitores”⁹⁰. Na passagem de mais um “ano de existência”, a revista lembrava que a sua “primeira função” seria “a de chorar com um olho e rir com o outro, porque a vida não se leva só a rir ou só a chorar”⁹¹. Além disso, buscava trazer às suas

⁸⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 6 jun. 1908.

⁸⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.

⁹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1910.

⁹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 3 jun. 1911.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

páginas a colaboração de “ilustres artistas do verso e finos artistas da prosa”, que contribuíam “de modo brilhante para o esplendor intelectual” da publicação⁹².

Mais adiante, o semanário reforçava que seu escopo era o “de servir, com despreocupada irreverência risonha as coisas belas e nobres, ao povo, a quem deve a sua prosperidade”⁹³. Constatava também que por suas “páginas têm passado os principais vultos políticos e sociais do nosso meio” e, “na berlinda em que se colocam, uns ouvem palavras amáveis, outros referências que preferiam não lhes fossem feitas”⁹⁴. Dizia ainda que, crescera “a rir e a sonhar no meio dessa multidão febril de figuras que formam as coletividades, refletindo-as em suas páginas”, de maneira que, “mesmo caricaturadas, criaram fama e fizeram nome, sendo depois recolhidas à galeria de homens célebres”⁹⁵. Já ao final dos anos 1920, o hebdomadário demarcava que permanecia em “seus propósitos de encarar a vida, liberal no seu programa de ironia e de crítica”, sem que tivesse

⁹² CARETA. Rio de Janeiro, 8 jun. 1912.

⁹³ CARETA. Rio de Janeiro, 7 jun. 1913.

⁹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1915.

⁹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 3 jun. 1922.

sido “arrastada em nenhuma corrente literária, intelectual, filosófica ou política”⁹⁶.

Ao final da década de 1920, frente às disputas entre a candidatura situacionista e a Aliança Liberal, a *Careta* não deixou de lado sua abordagem predominante crítica e, para expressá-la, por meio da arte caricatural, lançou por diversas vezes mão da alegoria feminina para representar a República. Em um desses desenhos, mostrava uma dama republicana magérrima e alquebrada, sendo-lhe oferecidos vários remédios – vinculados aos possíveis presidenciáveis – por meio de um farmacêutico/político, que não parecia ter intenções das mais honestas em relação ao(s) serviço(s) que prestava⁹⁷. Em outra presença da mulher-república, uma representação do povo brasileiro encontrava tal figura feminina, criticando-a por, a cada quatro anos, procurar um novo homem, em referência ao processo eleitoral para a escolha do Presidente⁹⁸. Uma outra trazia o casamento entre o candidato governista à Presidência e a dama republicana e, diante da tradicional pergunta se ela aceitava por “espontânea vontade”, o Jeca – um dos símbolos da

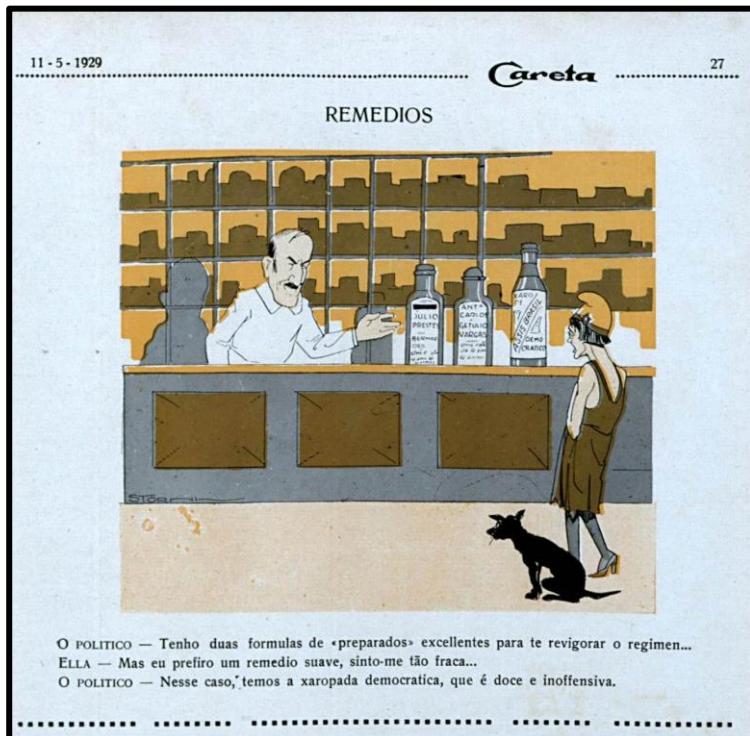
⁹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 20 ago. 1927.

⁹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 11 maio 1929.

⁹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 29 jun. 1929.

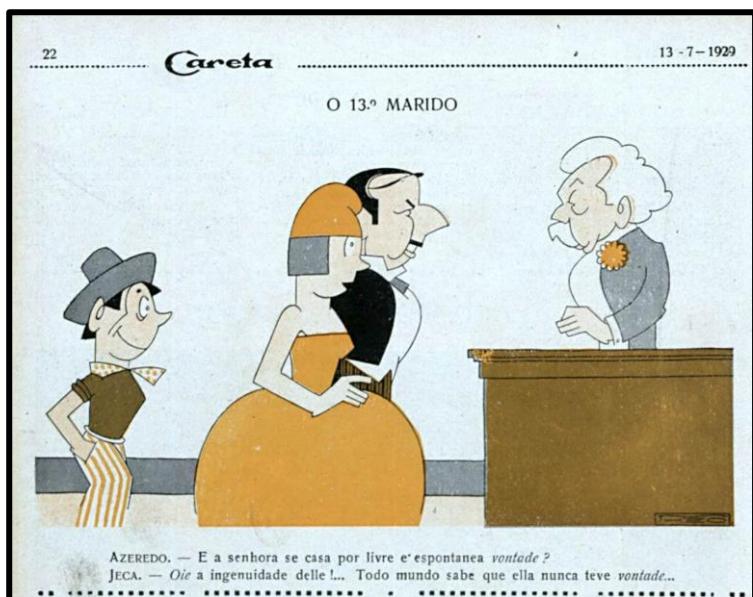
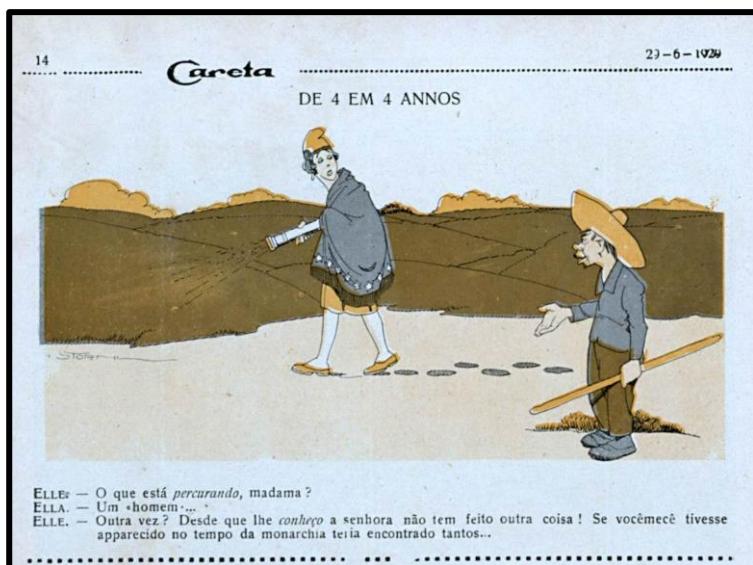
A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

população brasileira – enfatizava que “ela nunca teve vontade”⁹⁹



⁹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 13 jul. 1929.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

A falta de participação popular nos processos eleitorais ficava expressa em caricatura na qual “O Povo”, mais uma representação da população brasileira, levava à garupa uma esquálida república/democracia, em alusão às suas próprias limitações, uma vez que, diante dos “chefões”, ele não tivera oportunidade de se expressar politicamente¹⁰⁰. Levando em conta o nome de alguns dos personagens envolvidos na questão eleitoral - o Presidente Washington Luís, o governante mineiro Antônio Carlos e o candidato oficial, Júlio Prestes, uma jovem república dizia preferir um “quarto” nome, formado a partir dos anteriores, ou seja, o líder tenentista Luís Carlos Prestes¹⁰¹. Em relação à “sujeira” política que teria tomado conta do país, os congressistas não mediam esforços para, ao menos na aparência, promover uma limpeza na república/democracia¹⁰². Diante da pergunta da mulher-república, um astrônomo dizia que, tendo em vista a agitação político-partidária e eleitoral de então, ocorreria uma “desagregação das estrelas da constelação dos Estados Unidos do Brasil”, em relação ao Cruzeiro do Sul, que figura na bandeira nacional¹⁰³.

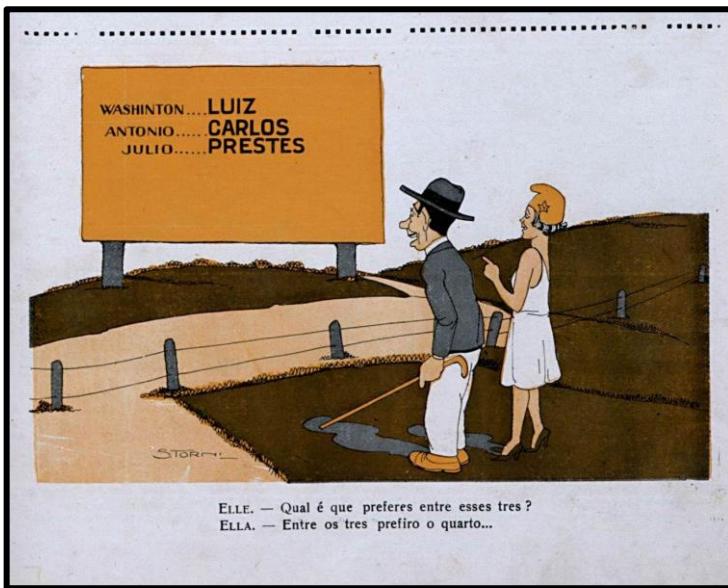
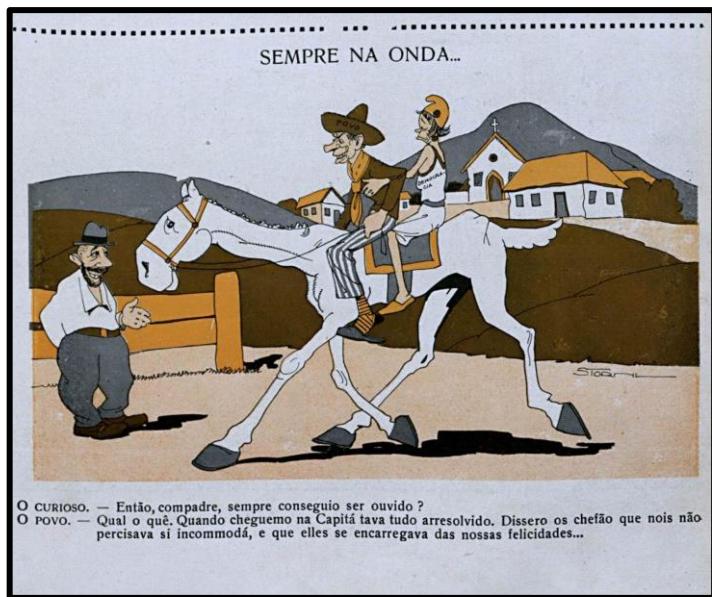
¹⁰⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929.

¹⁰¹ CARETA. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929.

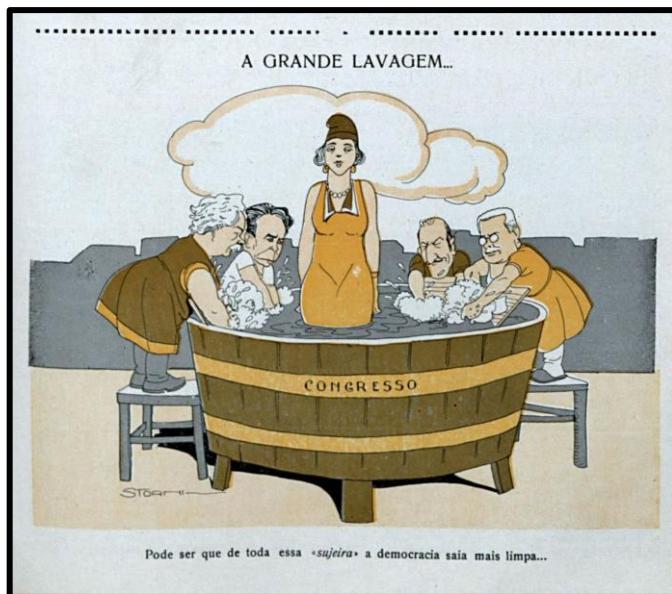
¹⁰² CARETA. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.

¹⁰³ CARETA. Rio de Janeiro, 31 ago. 1929.

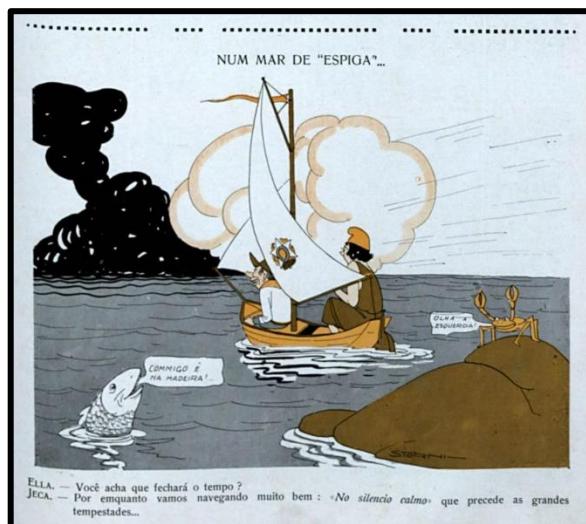
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



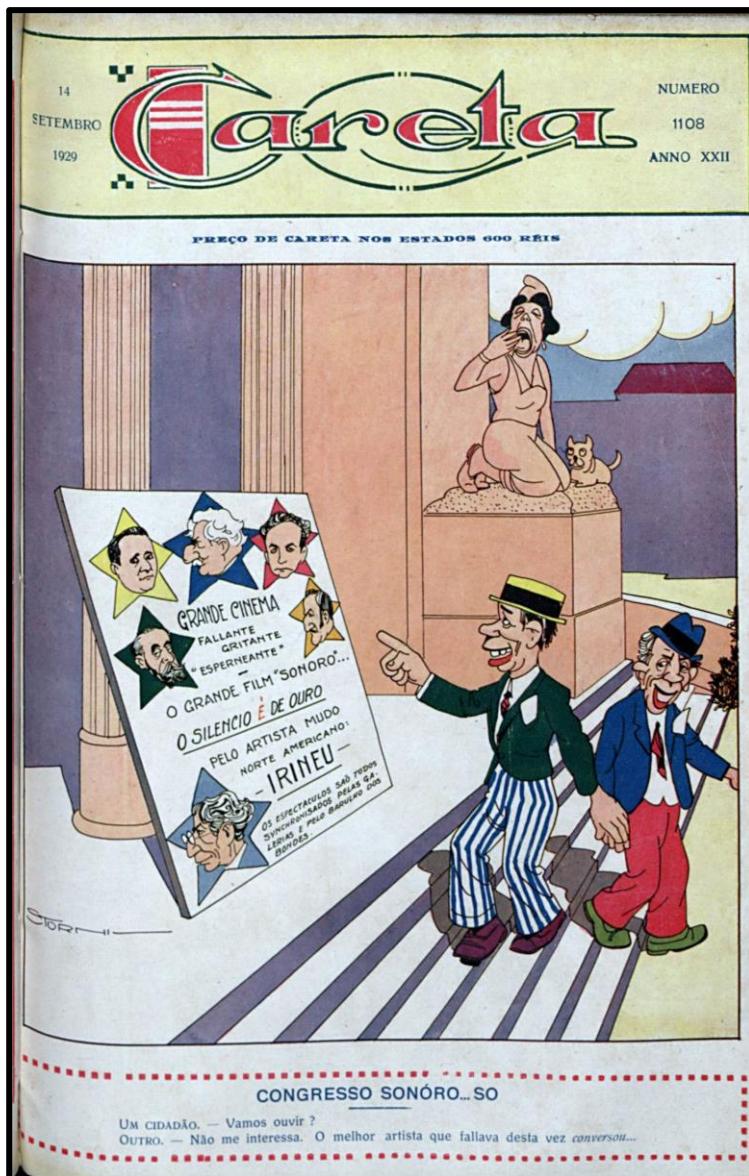
Mantendo o tema das inquietações político-eleitorais, a revista mostrava a dama republicana navegando em um frágil bote na companhia do Jeca, ambos preocupados com a tempestade que se aproximava, em referência à aproximação da culminância na disputa pelos votos¹⁰⁴. Por outro lado, levando em conta o pequeno sentido popular do processo, a eleição era apresentada como um espetáculo que não atraía o público, contando a imagem inclusive com uma preguiçosa mulher-república, que bocejava¹⁰⁵.



¹⁰⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 7 set. 1929.

¹⁰⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



O embate entre “liberais” e “conservadores” era representado também por um combate entre tais grupos em meio a uma embarcação que representava o Estado brasileiro, a qual se encontrava encalhada, havendo ainda a participação do “Povo”, que reclamava que daquele jeito não haveria maneira do navio andar para a frente e da alegoria feminina republicana que, inerte, limitava-se a presenciar a cena¹⁰⁶. Vestido à gaúcha, Getúlio Vargas levava a república/democracia na garupa de sua montaria, frente a outros dois sul-rio-grandenses, havendo a constatação de que, se o processo eleitoral fosse idôneo, haveria chance de vitória¹⁰⁷. A repressão governamental existente naquele atribulado momento foi constatada jocosamente em ilustração na qual a mulher-república chegava a consultar um “profeta” para saber o resultado das eleições, o que não lhe foi revelado porque o adivinho tinha receio de sofrer represálias policiais¹⁰⁸. O magazine humorístico chegou a observar uma inversão de papéis em relação à potencialidade paulista, chamada de “locomotiva”, a qual, na presença da república, estaria sendo puxada pelos vagões, em alusão a outros Estados¹⁰⁹.

¹⁰⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

¹⁰⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

¹⁰⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 26 out. 1929.

¹⁰⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 30 nov. 1929.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

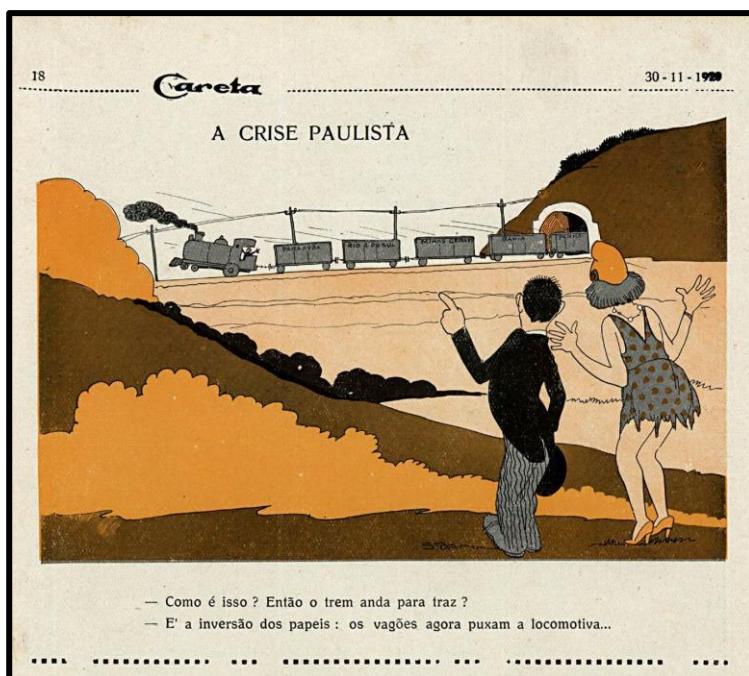




O GAUCHO. — «Se a carreira for limpa, ganharemos de boqueirão, mas se, nos atravessarem cachorro na cancha...»

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





Já ao final de 1929, a dama republicana observava a disputa eleitoral na forma de um luta com o uso de lanças entre Vargas e Prestes, havendo a intervenção de um militar e político que pretendia evitar uma “luta fratricida”, lembrando aos contendores que não o Brasil não passava de uma “República de camaradas”, em alusão aos recorrentes conchavos políticos que marcavam a vida brasileira de então¹¹⁰. Com a passagem para o ano seguinte, a revista manteve a pauta, como ao

¹¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 21 dez. 1929.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

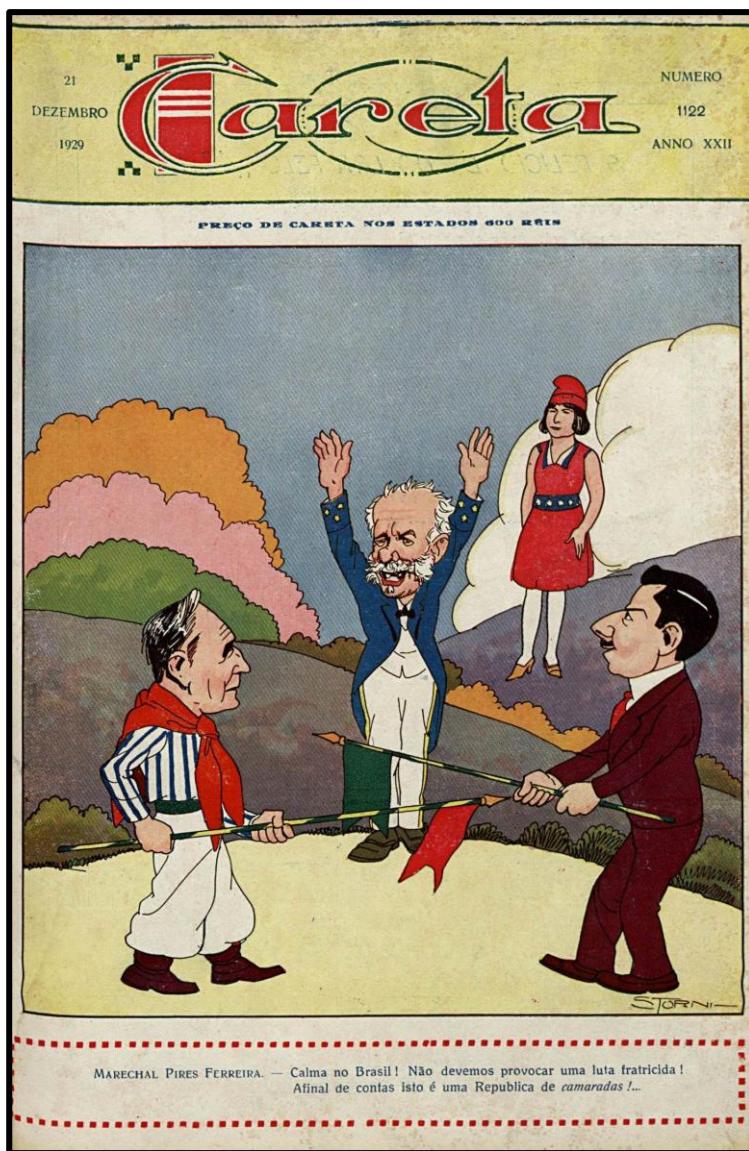
mostrar o Jeca acompanhado pela mulher-república, sob uma plataforma, a espera do transporte, estando ele a lembrar das tantas plataformas eleitorais que não passaram de promessas não cumpridas por parte dos políticos; além disso, houve uma referência ao bonde, meio de transporte cuja aquisição foi alvo de acusações de malversação de verbas públicas¹¹¹. Sob o olhar da alegoria feminil republicana, a estátua do primeiro Presidente da República Deodoro da Fonseca ganhava vida – como só a arte caricatural poderia fazer –, con clamando o aliancista gaúcho João Batista Luzardo a “ocupar o lugar histórico e retórico”, em meio aos “princípios republicanos”¹¹². Levando em conta uma possível repressão oriunda do governo federal para com Minas Gerais, tendo em vista a ação de sua oligarquia na campanha dissidente, o ex-Presidente Artur Bernardes, que apoiava a Aliança Liberal, dizia à dama republicana que uma possível intervenção em Minas viria a equivaler aos “funerais da República”¹¹³.

¹¹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jan. 1930.

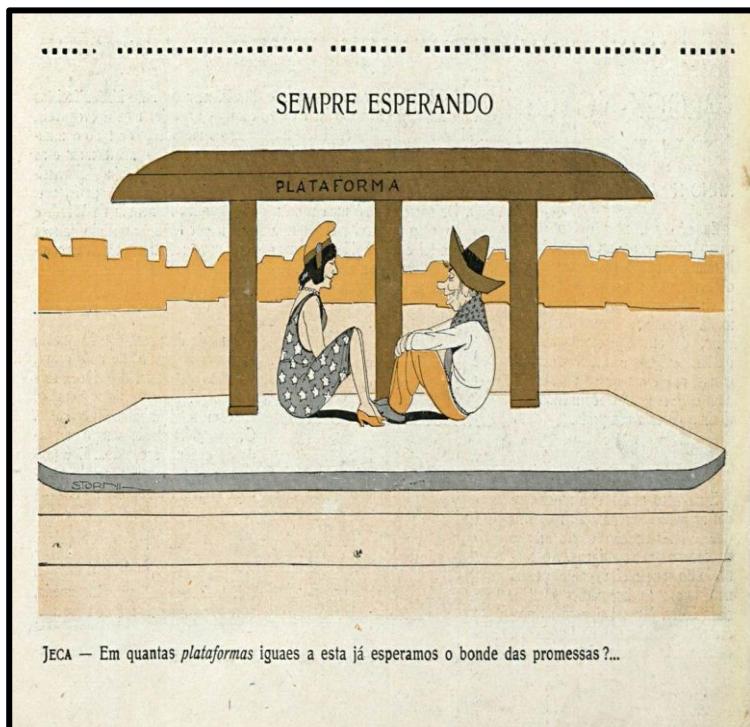
¹¹² CARETA. Rio de Janeiro, 11 jan. 1930.

¹¹³ CARETA. Rio de Janeiro, 15 fev. 1930.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

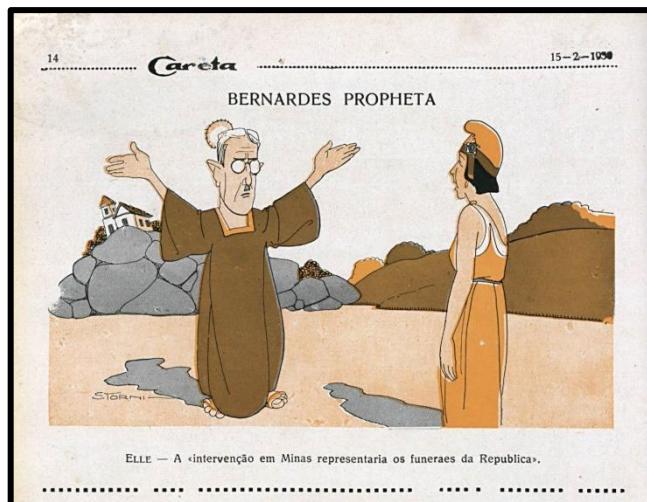


A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



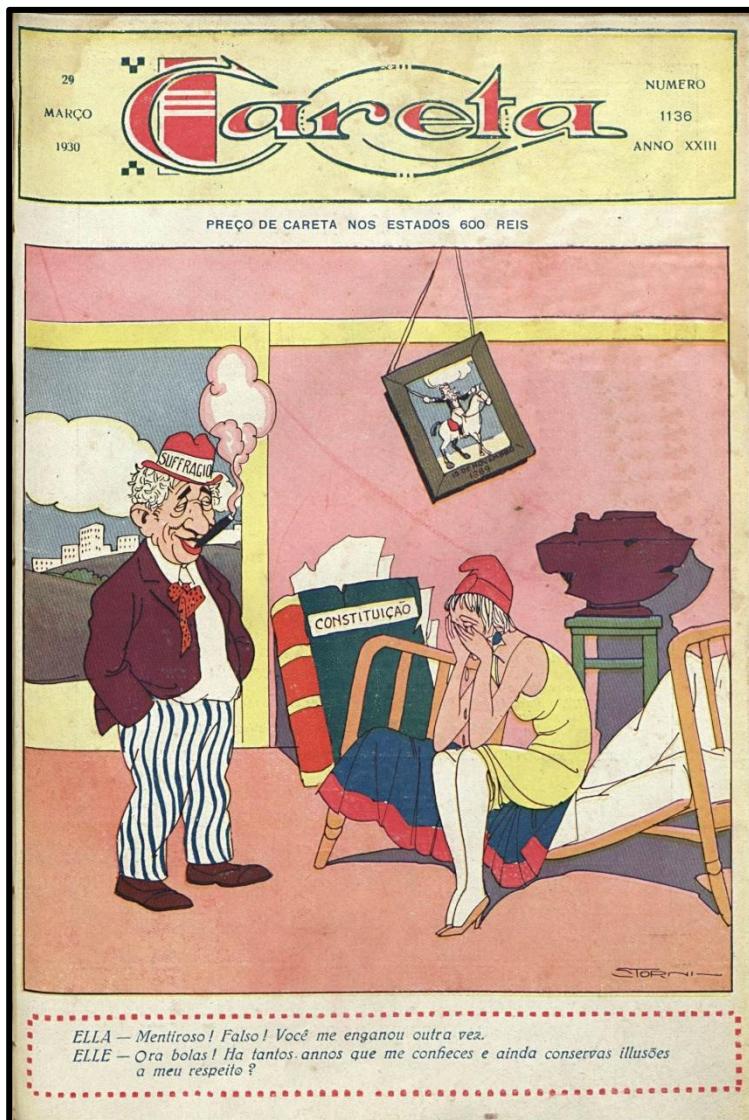
Depois da eleição, a república/pátria imaginava que se estabeleceria um “profundo abismo entre os brasileiros”, ao que retorquia o Zé Povo, apontando para uma ponte que unia os dois lados do precipício e lembrando que havia um “espírito nacional” no meio político, amplamente voltado às práticas de aderência¹¹⁴. Com a constituição atirada a um canto e a presença do quadro de Deodoro proclamando a nova forma de governo a dama republicana, em prantos, reclamava do indivíduo que representava o “sufrágio”, reclamando que ele a havia enganado, ao que o outro respondia que ela já deveria estar acostumada e não se iludir quanto à sua ação¹¹⁵.

¹¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

¹¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1930.



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



Com a cadeira presidencial ocupada por uma enorme espiga de milho, o indivíduo que representava a população dizia à mulher república que não conseguia entender o motivo de “tanta luta” e “tanta agitação”, para conquistar aquela “espiga”, levando em conta o sentido figurado do termo, que se associa a uma coisa que causa enfado, ou seja, uma arrelia, uma maçada, ou ainda um contratempo ou uma entalação¹¹⁶. Na presença do Tio Sam e de John Bull – representações respectivas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, a dama republicana perguntava ao Jeca se ele estaria amolando uma enorme faca para promover a revolução, em alusão ao plano rebelde que passava a ser cogitado, ao que ele respondia que na verdade estava preparando o instrumento para dar uma “facada” no inglês ou no norte-americano, ou ainda em ambos, para tentar obter um empréstimo que atenuasse a crise econômico-financeira nacional¹¹⁷. Em outra caricatura, os políticos eram transformados em bonecos, servindo para que a república feminil e o Jeca pudessem com eles brincar¹¹⁸.

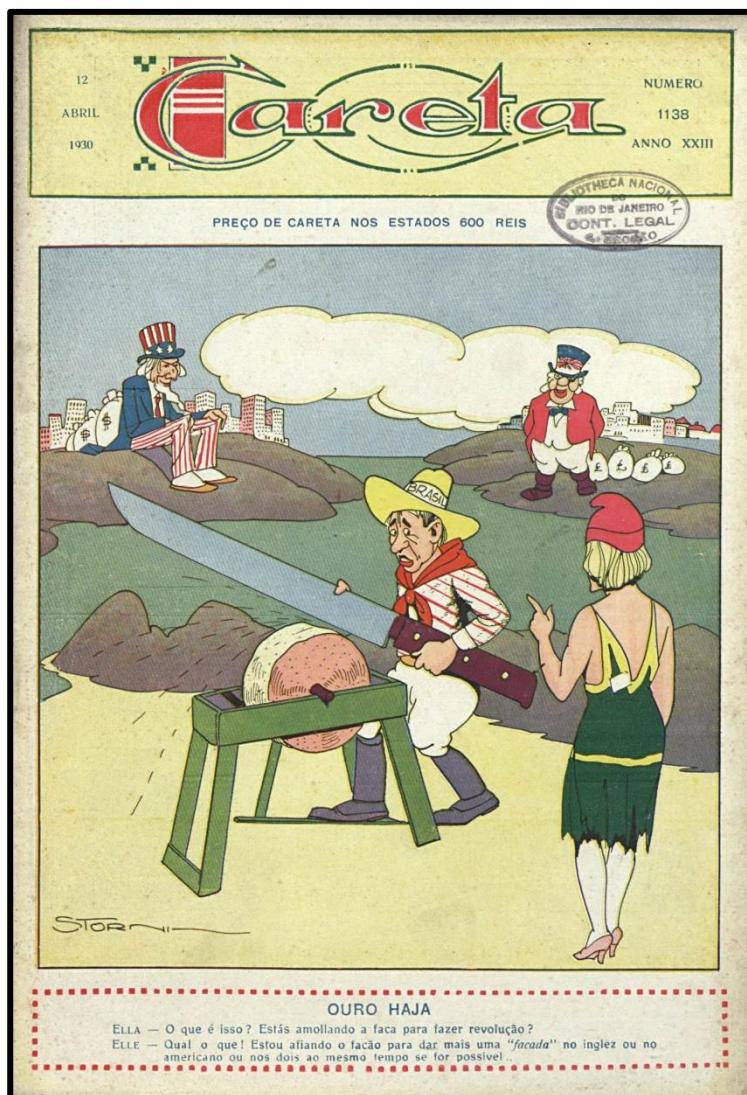
¹¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1930.

¹¹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.

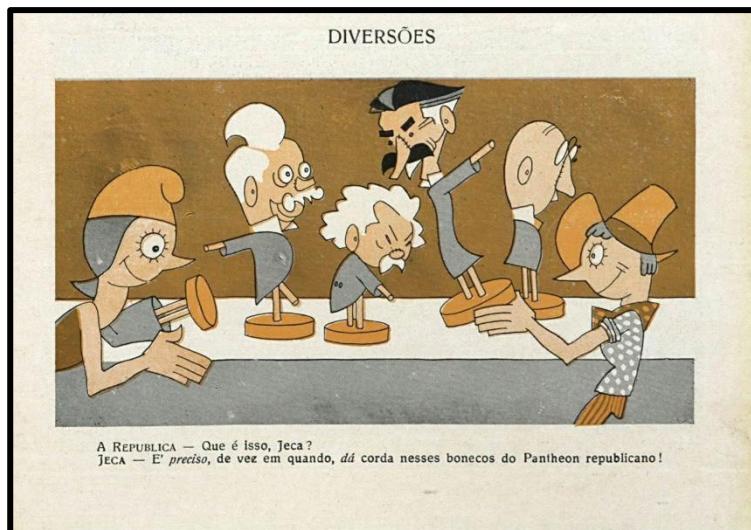
¹¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 12 abr. 1930.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS
ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS





A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



Em mais uma conversa entre a dama republicana e o “Povo” nas proximidades do prédio do Congresso e sob o sobrevoo de um papagaio - tradicional representação dos parlamentares, por muito falarem e pouco fazerem, este dizia a ela que seria uma “vítima” em qualquer circunstância, pois tanto poderia sofrer com uma “calmaria silenciosa”, no recesso dos homens públicos, quanto com uma “psitacose legislativa”, em alusão a uma doença transmitida por aquele ave trepadora¹¹⁹. Diante de um enorme buraco que simbolizava a “dívida nacional”, agravada por “novos empréstimos”, a figura feminina da república se mostrava incrédula,

¹¹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 26 abr. 1930.

ao passo que a representação do povo, tentava estancar a continuidade do aumento da cavidade¹²⁰. As disputas políticas que recrudesciam foram também representadas na forma de uma linha de galos, na qual um político situacionista e um aliancista se enfrentavam física e verbalmente, frente a uma estarrecida dama republicana¹²¹.



Povo — Você é uma vítima de qualquer maneira. Quando o congresso está fechado, você sofre as consequências da *calmaria silenciosa*, e quando abre, vem *peitiacose legislativa* para te atrapalhar ainda mais.

¹²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 3 maio 1930.

¹²¹ CARETA. Rio de Janeiro, 31 maio 1930.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



Com a multiplicação de manifestos apresentados na época pré-revolucionária, a dama republicana aparecia com um vestido formado por tais exposições, vindo a ser admirada por homem que representava o povo e considerava-a “linda e vistosa”, ao que ela respondia que tudo aquilo não passaria de papel, ou seja, diminuindo a relevância dos tantos discursos expressos no momento¹²². Uma mulher república debochada recebia um descendente de D. Pedro II, dizendo-lhe que perdera o crédito no mesmo, uma vez que ele também seria um “barbado”, em alusão ao apelido do Presidente Washington Luís e levando a crer que todos os políticos seriam em essência muito parecidos¹²³. Diante do ataque do parlamentar aliancista gaúcho Lindolfo Collor ao Presidente da República, a alegoria feminil republicana dizia que tal ataque seria inútil tendo em vista o banco em que a figura presidencial estava sentada – o Banco do Brasil – sobre o qual todos seriam considerados “irresponsáveis”¹²⁴. Já às portas da revolução, a revista imaginava que a discussão entre os dois grupos contendores seria interminável, mostrando dois políticos que, já envelhecidos, permaneciam

¹²² CARETA. Rio de Janeiro, 21 jun. 1930.

¹²³ CARETA. Rio de Janeiro, 23 ago. 1930.

¹²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS

debatendo, com a continuidade de discursos, réplicas e tréplicas tão constantes, que chegavam a levar ao adormecer da dama republicana¹²⁵.

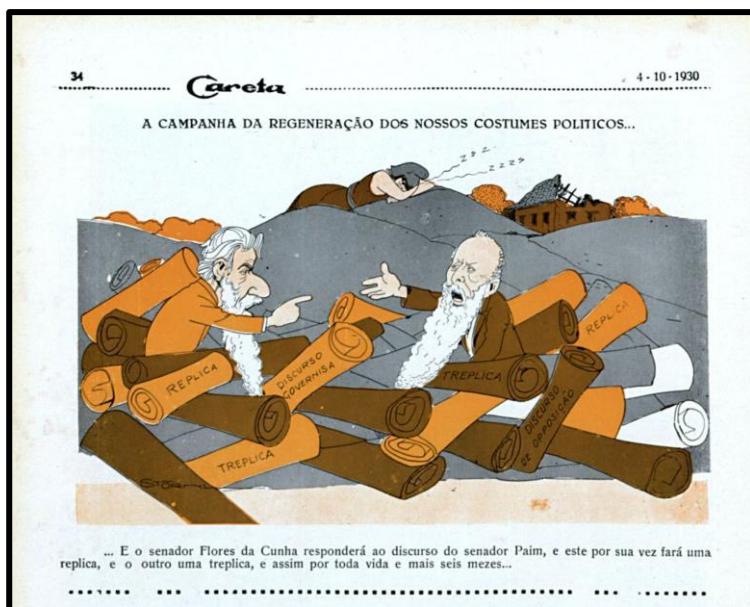


¹²⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 4 out. 1930.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DA DAMA REPUBLICANA EM REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS: DOIS ESTUDOS HISTÓRICOS



... E o senador Flores da Cunha responderá ao discurso do senador Paim, e este por sua vez fará uma replica, e o outro uma treplica, e assim por toda vida e mais seis mezes...

Assim, nos dois últimos anos que marcaram os estertores da República Velha, a *Careta* lançou mão da simbologia feminina republicana para designar aquele momento de crise. Mais tarde, a própria revista explicava que a alegoria advinha da Antiguidade e fora consolidada durante os processos revolucionários franceses, como nas décadas de 1840 e 1870, explicando que do adorno inicial com uma coroa de louros, fora adotado o barrete frígio, passando tal imagem a constituir um símbolo da república¹²⁶. Ao contrário da dama

¹²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1531, 23 out. 1937.

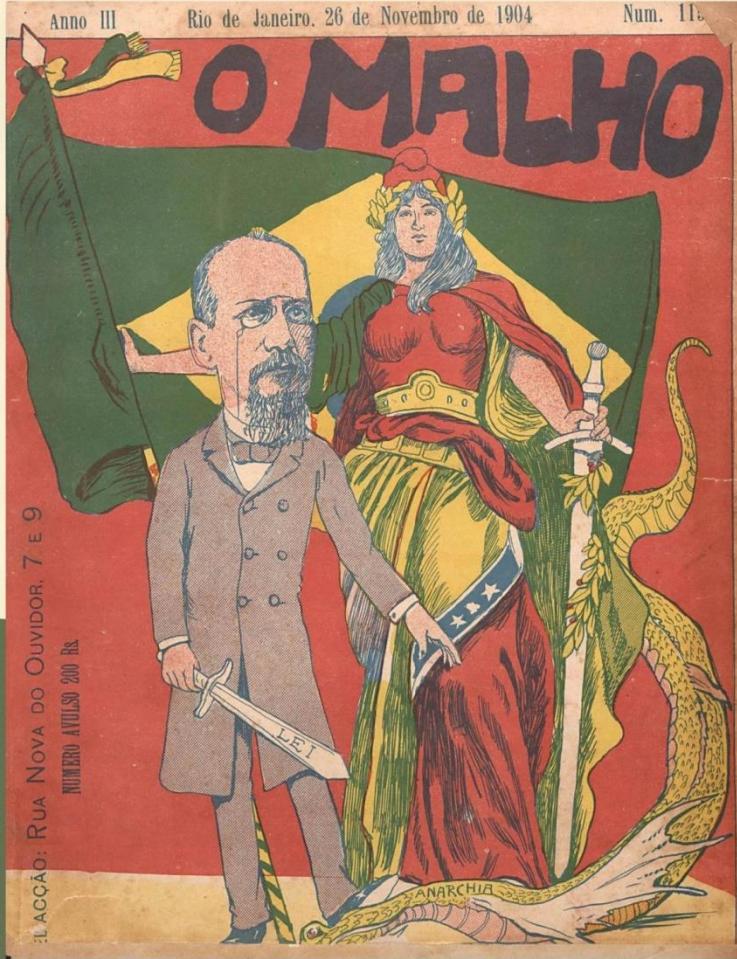
republicana do século XIX e mesmo das décadas iniciais da centúria seguinte, a mulher república do final da década de 1920 representada pelo periódico humorístico perdera boa parte de seu protagonismo, passando a desempenhar um papel de coadjuvante ou até de figurante em relação aos homens públicos de então. Aquela construção imagética altiva e ativa perdera espaço, surgindo uma praticamente passiva, com ação restrita por vezes não passando de uma observadora. Desse modo, a tal “verdadeira república”, da qual se falava desde os Oitocentos, parecia mais uma vez esmaecida em meio ao campo das idealizações¹²⁷. Nesse quadro, mesmo com a passagem de mais de quatro decênios da forma de governo inaugurada em 1889, a figura feminil republicana persistia firme para demarcar alegoricamente as mazelas, contradições e idiossincrasias que caracterizavam o regime desde a sua criação, inclusive permanecendo atual e compreensível para o público leitor que consumia a arte caricatural editada no magazine carioca.

¹²⁷ ALVES, Francisco das Neves. *Uma Nova República e uma nova mulher? – a dama do barrete frígio na imprensa carioca (1930-1937)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2023. p. 175.

Anno III

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1904

Num. 11.



BIBLIOTECA

RIO-GRANDENSE

Fundada em 1846



9 786589 557890

ISBN: 978-65-89557-89-0